



**Wallace Soares de Sousa**

**Ecos do Futuro:**

**Günther Anders e as alterações no tempo-histórico pós-45.**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, do Departamento de História da PUC-Rio.

Orientador: Maurício Barreto Alvarez Parada

Rio de Janeiro,  
Setembro de 2023



**Wallace Soares de Sousa**

**Ecos do Futuro:**

**Günther Anders e as alterações no tempo-histórico pós-45.**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Organizadora abaixo:

**Prof. Maurício Barreto Alvarez Parada**

Orientador

Departamento de História – PUC-Rio

**Prof. Eduardo Wright Cardoso**

Departamento de História – PUC-Rio

**Prof. Pedro Spinola Pereira Caldas**

UNIRIO

Rio de Janeiro, 25 de setembro de 2023

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

### **Wallace Soares de Sousa**

Graduou-se em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2020). Tem interesse nas áreas de Teoria e História da Historiografia, História Intelectual, História Moderna e Contemporânea com ênfase nos seguintes temas: Modernidade, Temporalidade, Violência, Era Atômica e Antropoceno.

#### Ficha Catalográfica

Sousa, Wallace Soares de

Ecoss do futuro : Günther Anders e as alterações no tempo-histórico pós-45 / Wallace Soares de Sousa ; orientador: Maurício Barreto Alvarez Parada. – 2023.

76 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2023.

Inclui bibliografia

1. História – Teses. 2. História Social da Cultura – Teses. 3. Günther Anders. 4. Temporalidade. 5. Modernidade. 6. História. 7. Era atômica. I. Parada, Maurício Barreto Alvarez. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de História. III. Título.

CDD: 900

Para o meu pai,  
que acreditou quando nem eu acreditava.

## Agradecimentos

Os agradecimentos dessa dissertação são muitos. Esse é um trabalho que exigiu muito de mim, e que até o último momento cheguei a acreditar que seria impossível concebê-lo. Foi um período conturbado, onde o tempo – que ironicamente é o tema central do texto que se segue – pareceu jogar contra mim. Tudo isso só foi possível graças a ajuda de muitas pessoas que, nessa corrida contra o tempo, tiveram a disposição de correr ao meu lado e, por muitas vezes, me sustentaram de pé para continuar correndo.

Gostaria de começar agradecendo à Deus, que me deu força e esperança em todos os momentos, e aos meus pais, que são meus pilares e a razão desse sonho continuar vivo. A eles dedico todo o meu amor.

Agradeço também a minha família, meus avós, tios e tias, por todo amor e apoio que me foram dados em todos esses anos. Sem isso eu jamais teria sustentado tudo que me fez chegar até aqui.

Quero agradecer a minha namorada, Millena, por todo amor e carinho que serviram de alento nos momentos mais difíceis. Aos meus amigos que são mais que irmãos, André Luis e Lucas Bastos, pela parceria de vida e o amor que sempre cultivamos entre nós. E a João Carneiro Rios, que no auge das dificuldades dos últimos anos, foi fundamental para tornar as coisas mais leves.

Para Ana Clara Tavares e Flávia Martins, meus agradecimentos mais profundos. Duas das mais incríveis historiadoras que pude conhecer, minhas maiores referências, e que eu espero um dia poder retribuir todo o amor e cumplicidade que venho recebendo ao longo de todos esses anos.

Agradeço também a Luana Leão, por todo carinho e pelos incentivos que foram fundamentais para que esse trabalho acontecesse.

Não posso deixar de agradecer também a Lina Alegria, por todo carinho que ela teve comigo e com este trabalho. Essa dissertação não existiria sem o seu olhar crítico e generoso, minha amiga.

Agradeço imensamente ao meu orientador, Maurício Parada, pela parceria e o respeito por mim e por este trabalho. Nada que eu coloque aqui será suficiente para descrever o que a confiança de Maurício nas minhas ideias representou para mim. Essa dissertação só foi possível graças ao brilhantismo e a gentileza de um orientador fora de série.

Quero agradecer também ao professor Marcelo Jasmin, com quem compartilhei a maior parte da minha trajetória como historiador, e por quem nutro o maior respeito e admiração. Foi por uma palestra de Marcelo que decidi seguir essa carreira, e tive a sorte de contar por muitos anos com a genialidade e o olhar caridoso de um professor que é um espelho para mim e para tantos outros.

Agradeço também aos professores do Departamento de História, por todas as disciplinas e debates instigantes que ajudaram a me formar desde 2016, ainda na graduação. Em especial, agradeço aos professores Henrique Estrada e João Duarte por me ajudarem logo no início das minhas reflexões sobre o tempo. A Leonardo Pereira, por acreditar em mim desde o início. E também ao professor Eduardo Cardoso, que além de estar presente na banca de defesa, foi peça fundamental para construção desse trabalho, através de excelentes cursos e discussões que tive o prazer de acompanhar nos últimos anos.

Não posso deixar de agradecer também os grandes amigos que fiz no departamento, com os quais compartilho o amor pela História. Ana Carolina Montmorency, por encarar esse mestrado comigo. Bruna Almeida, por todo o carinho. Gabriel Guedes e Matheus Rezende, pelo apoio contínuo. A Jonathan Santos, pela parceria e respeito. E a Luiz Carlos e Marconi Felinto, pelas conversas sempre frutíferas. Agradeço também a todos aqueles cujos nomes não aparecem aqui, mas que foram fundamentais para o desenvolvimento desse trabalho.

Aos funcionários e amigos do Departamento de História, André Bastos, Débora Marques e Igor Fernandes, por toda paciência e apoio que me foram dados ao longo desses anos. E em especial ao grande Cláudio Santiago, pelo acolhimento e as longas conversas matinais que já se tornaram tradição – Cláudio, essa dissertação é a minha rota alternativa.

Agradeço também ao professor Pedro Caldas, com quem compartilho o interesse por Thomas Mann, pela leitura desse trabalho e pela participação da banca de defesa.

Por fim, quero agradecer a PUC-Rio por todo o acolhimento desde que cheguei, e pela bolsa concedida que me permitiu continuar seguindo esse sonho. Esses incentivos são fundamentais e devem ser sempre aprimorados.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

## **Resumo**

Sousa, Wallace Soares de. **Ecoss do Futuro: Günther Anders e as alterações no tempo-histórico pós-45**. Rio de Janeiro, 2023. 76p. Dissertação de Mestrado – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta dissertação tem por objetivo analisar historicamente as modificações nas estruturas temporais no século XX, sobretudo a partir de 1945, com o fenômeno nuclear. Para isso, nos valem aqui principalmente dos escritos do intelectual alemão Günther Anders (1902-1992), a partir de seu olhar crítico sobre a relação tênue entre o desenvolvimento científico e o aumento de poder destrutivo da máquina de guerra. Esta análise parte de uma afirmação, recorrente nos textos do autor: a de que teria ocorrido uma mudança irreversível nas perspectivas de futuro da humanidade após o surgimento e o uso das armas atômicas no século passado. Para Anders, o 6 de agosto de 1945, em Hiroshima, marca o início de uma Nova Era. Uma “Era Atômica” onde a possibilidade de auto-extinção da humanidade por meio das armas nucleares se comprova empiricamente. Pretende-se, portanto, investigar como o autor configura essa categoria de “Era Atômica” e como ela se relaciona com outras categorias de tempo presentes na historiografia sobre o período, buscando compreender com maior profundidade as novas configurações temporais que se apresentam após o fenômeno nuclear.

## **Palavras-chave**

Günther Anders; Temporalidade; Modernidade; História; Era Atômica.

## **Abstract**

Sousa, Wallace Soares de. **Echoes of the future: Günther Anders and the changes in post-45 historical time.** Rio de Janeiro, 2023. 76p. Dissertação de Mestrado – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This dissertation aims to historically analyze changes in temporal structures in the 20th century, especially from 1945 onwards, with the nuclear phenomenon. For this, we use here mainly the writings of the German intellectual Günther Anders (1902-1992), based on his critical look at the tenuous relationship between scientific development and the increase in the destructive power of the war machine. This analysis is based on a recurrent statement in the author's texts: that an irreversible change in humanity's future perspectives occurred after the emergence and use of atomic weapons in the last century. For Anders, August 6, 1945, in Hiroshima, marks the beginning of a New Era. An “Atomic Age” where the possibility of humanity's self-extinction through nuclear weapons is empirically proven. It is intended, therefore, to investigate how the author configures this category of “Atomic Age” and how it relates to other categories of time present in the historiography of the period, seeking to understand in greater depth the new temporal configurations that appear after the phenomenon nuclear.

## **Keywords**

Günther Anders; Temporality; Modernity; History; Atomic Age.

## Sumário

1. Introdução.....	11
2. Tempos modernos.....	14
2.1. Modernidade.....	14
2.2. A modernização da guerra.....	22
2.3. A “Era Atômica” e os modernos.....	33
3. Castelos e Ruínas.....	43
3.1. Supressão.....	43
3.2. Entretempo.....	63
4. Considerações Finais.....	73
Referências Bibliográficas.....	75

“Desde que o passado deixou de lançar luz sobre o futuro,  
o espírito humano erra nas trevas.”

(Alexis de Tocqueville)

## 1. Introdução \*

Ao testemunhar a explosão do primeiro teste de uma bomba nuclear da História, em 16 de julho de 1945, naquilo que ficou conhecido como “Experiência Trinity”, o físico norte americano Julius Robert Oppenheimer, creditado como o inventor do dispositivo, expressou a sensação de ter desenvolvido um aparelho tão poderoso através da passagem de um texto hindu chamado *Bhagavad Gita*, que diz “Agora eu me tornei a morte, o destruidor de mundos”. Essa é uma cena que aparece durante o filme *Oppenheimer*, dirigido por Christopher Nolan, que buscou produzir tanto um relato biográfico do cientista, quanto o impacto do fenômeno da detonação da bomba nuclear nas nossas sociedades.<sup>1</sup>

O desdobramento da criação e da utilização de armas cujo o alcance de destruição se mostrou maior do que qualquer comparativo foi tema de debate em todos os círculos intelectuais tão logo a detonação da bomba terminou. Essas discussões reaparecem ainda até hoje devido a constante sensação de ameaça que perdura, quase 80 anos depois, e é lembrada a cada novo conflito que surge entre nações que possuem em seu arsenal essas máquinas de destruição em massa. No caso da História, como poderia a historiografia lidar com um problema dessa magnitude? Que abalou as estruturas sociais e temporais das sociedades modernas, alterando as perspectivas de futuro e as memórias do passado, dando origem a um tempo novo, que é marcado justamente pelo perigo constante da eclosão de uma guerra na qual não se podem imaginar seus limites previamente.

A hipótese principal deste trabalho reside na ideia de que após os eventos de Hiroshima e Nagasaki, a nossa relação com o tempo se alterou substancialmente, uma vez que o cronótopo<sup>2</sup> do tempo-histórico não conseguia mais abarcar toda a realidade histórica que se apresentava. Isso porque de um lado, a experiência – da catástrofe e dos regimes totalitários – não poderia servir para uma orientação do que se esperar do futuro. Este que, por sua vez, estava tomado pela imaginação de

---

\* As citações do texto de Günther Anders, intitulado “*La obsolescencia del hombre (vol. 1)*”, contam com a numeração das páginas aproximadas, como estabelecido pela NBR 10.520/2023, uma vez que se tratam de livros nas suas versões digitais, encontrados na internet.

<sup>1</sup> **OPPENHEIMER**. Direção e produção: Christopher Nolan. Estados Unidos: Universal Pictures, julho de 2023.

<sup>2</sup> Essa categoria de “cronótopo”, literalmente “espaço-tempo”, foi elaborado por Mikhail Bakhtin para definir as relações temporais e espaciais que aparecem na literatura. Segundo Bakhtin, essa relação é inseparável, e o tempo é visto como uma quarta dimensão do espaço. Para melhor compreensão, Cf. BAKHTIN, M. "Forms of time and of the chronotope in the novel". In: **The Dialogic Imagination**. Austin: Univ. Texas Press. 1981. p. 84–258.

uma guerra sem precedentes. Nesse sentido, nos tornamos “entidades temporais”<sup>3</sup>, à medida que podemos agir nesse tempo e produzir modificações nas suas estruturas.

Essa suposição se baseia em uma afirmação do intelectual alemão Günther Anders, que aponta para a ocorrência de uma mudança irreversível nas perspectivas de futuro da humanidade após o surgimento e o uso das armas atômicas no século passado. Para Anders, o 6 de agosto de 1945, em Hiroshima, marca o início de uma Nova Era. Uma “Era Atômica” onde a possibilidade de auto-extinção da humanidade por meio das armas nucleares se comprova empiricamente. Nessa perspectiva, nossa agência temporal atua em um sentido apocalíptico, uma vez que nós somos os responsáveis por criar esses aparelhos, e o próprio ato da existência deles configura uma ameaça, como diz o próprio autor:

“Devemos lembrar uma das chaves da era atômica: não existe arma nuclear cuja existência não seja ao mesmo tempo um uso. Ou, mais simplesmente: não há não utilização das armas nucleares existentes.”<sup>4</sup>

Assim sendo, se antes partíamos de uma ideia em que a possibilidade do fim do tempo estava reclusa ao poder divino, hoje, com o poder adquirido após a criação desses dispositivos, nós também podemos promover esse fim. A diferença, no entanto, consiste no fato de que a expectativa no apocalipse religioso era vista de maneira positiva, enquanto a ameaça atômica é caracterizada pelo terror contínuo da aniquilação.

Como estamos, a princípio, lidando com o quadro temporal da Modernidade, onde o tempo é enxergado de maneira espacial, caminhando sempre rumo ao futuro, a partir da ideia de progresso, se faz necessário discutir antes desses problemas da Era Atômica, a própria forma pela qual essas concepções de modernização foram alterando, ao longo do tempo, o modo pelo qual os indivíduos travavam suas guerras. Sabendo que tanto a Primeira quanto a Segunda Guerra Mundial estabelecem novos parâmetros de destruição a partir das inovações de ordem bélica que foram aplicadas em ambos os conflitos, pareceu necessário agir

---

<sup>3</sup> ANDERS, Günther. **La obsolescencia del hombre**. Sobre el alma en la época de la segunda revolución industrial. (vol. I). Tradução de Josep Monter Pérez. Valencia: Pre-Textos, 2011. p.20.

<sup>4</sup> ANDERS, Günther. **Le temps de la fin**. Paris: L’Herne, 2007. p. 37. Tradução livre. Reproduzo o texto original: "Nous devons bien avoir en mémoire l'une des clés de l'âge atomique: il n'y a pas d'arme nucléaire dont l'existence n'est déjà en même temps une utilisation. Ou, plus simplement: il n'y a pas de non-utilisation des armes nucléaires existantes."

de maneira retroativa para compreender como esse desejo constante por evolução e eficiência transformou a essência dos confrontos.

Por isso, o primeiro subcapítulo deste trabalho busca compreender, antes de mais nada, por meio de uma história conceitual, como se articulam ao longo do tempo os conceitos de Modernidade através de uma dimensão da experiência. Procuramos também avaliar o modo pelo qual as dimensões linguísticas constroem a realidade histórica moderna e entrelaçam os conceitos de Modernidade e de Progresso como uma coisa unívoca. Para essa finalidade, nos valem principalmente das discussões de Reinhart Koselleck e Hans Ulrich Gumbrecht sobre Modernidade e modernização.

Depois, no segundo subcapítulo, nos esforçamos para analisar a forma pela qual esse processo de modernização resultou em uma impessoalidade da guerra a partir do século XX. Nessa intenção, partimos de uma noção do conceito de violência articulada por Sigmund Freud em dois momentos diferentes, um logo após os acontecimentos da Primeira Guerra, e outro, que exploramos mais, já na década de 1930, quando o psicanalista troca algumas cartas com o físico Albert Einstein a respeito do fenômeno da guerra. Por fim, no terceiro subcapítulo dessa primeira parte, procuramos perceber, a partir das discussões predecessoras, como essas ideias se articulam com a Era Atômica de Günther Anders, e ainda, de maneira sucinta, se o *status* da Modernidade continua conservado depois desses acontecimentos.

No segundo capítulo, a ideia se centra na tentativa de compreender esse momento pós-45 como um espaço de indefinição temporal, uma vez que a consolidação da Era Atômica coloca em xeque não só a existência da humanidade, mas também manutenção das estruturas temporais. Para isso, tentamos antes realizar uma consideração metodológica acerca da forma de operar com esse tempo novo, a partir das categorias de “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” formuladas por Reinhart Koselleck. Feito isso, chegamos finalmente em uma análise mais contundente das Teses para a Era Atômica de Günther Anders e a forma como são reconfigurados os tempos históricos nesse período. Por fim, realizamos ainda uma tentativa de discutir brevemente a relação entre a contemporaneidade, por meio de Giorgio Agambem, e as reflexões sobre a bomba nuclear que também aparecem em outro texto de Günther Anders, chamado *A Obsolescência do Homem*.

## 2. Tempos modernos.

### 2.1. Modernidade.

Durante todo o desenvolvimento daquilo que chamamos hoje de Historiografia, um dos problemas mais debatidos entre os historiadores foi, sem dúvidas, o problema do tempo. A evolução da Humanidade enquanto espécie e a marcha das civilizações rumo ao “progresso”<sup>5</sup> fizeram com que a necessidade de delimitar mais precisamente a periodização dos fenômenos históricos se tornasse mais urgente. Na Europa, o século XVIII marca, quase que involuntariamente, o local de surgimento dessas concepções que tornam latentes as comparações entre o(s) tempo(s) presente(s) e aquilo que se configura como o passado para esses indivíduos.

“Aqui, mesmo as montanhas parecem repousar apenas sob a luz das estrelas; são elas lenta e secretamente devoradas pelo tempo; nada é para sempre, a imortalidade abandonou o mundo para encontrar um incerto abrigo na escuridão do coração humano, que ainda tem a capacidade de recordar e dizer: para sempre”.<sup>6</sup>

A Modernidade fez revelar junto dela o crescente desenvolvimento de uma consciência sobre o tempo que demonstra a fragilidade da duração dos processos históricos. Aqueles chamados “modernos” sempre se colocam a frente do passado à medida que avançam na tentativa de compreender esses processos de maneira mais aprofundada. É nesse jogo entre o passado e o futuro que a Modernidade apara as arestas na busca por um controle mais substancial da passagem do tempo, delimitando tudo aquilo que pode ser enquadrado como parte dos tempos modernos e o que, conseqüentemente, permanecerá junto das sistematizações que se desenvolverão nos tempos futuros.

“Mas com o conceito de modernidade existe ainda uma circunstância especial. Pois não existe evidência linguística para que a expressão “época moderna” [neue Zeit], ou mesmo “tempo moderno” [Neuzeit], deva designar um período de tempo fixo, a não ser que seja lido à luz do que se chamou o fim da modernidade. A expressão apenas qualifica o tempo como novo, sem informar sobre o conteúdo histórico desse tempo ou desse período. O aspecto formal da expressão só ganha sentido a partir

---

<sup>5</sup> Desenvolveremos melhor depois o que chamamos aqui de “progresso”.

<sup>6</sup> ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2016. 8ª ed. p.73.

do contraste com o tempo anterior, o tempo “velho” [alte Zeit], ou, quando empregado como conceito de época, em oposição às definições do período de tempo anterior”.<sup>7</sup>

O surgimento dessa ideia de modernidade atrelada a essa crescente necessidade de compreensão aprofundada dos fenômenos históricos provoca, com o tempo, questionamentos que revelam a própria polissemia desse conceito, o que dificulta sua análise em razão das suas múltiplas camadas de interpretação. Entretanto, os conceitos de Modernidade, apesar de delimitarem períodos específicos do tempo-histórico, operam de maneira interligada. Não há forma, ao menos não conhecida no campo da História, de se criar um novo espaço temporal totalmente desamarrado do seu estágio anterior: essas temporalidades se entrecruzam, formam simultaneidades que expõem, por vezes, inúmeras interpretações sobre o mesmo significante.

A ideia da existência de um tempo-histórico deve ser compreendida como um fenômeno meta-histórico, particular, detentor de seu próprio cronótopo. O estabelecimento de conceitos fechados, atomizaria as particularidades temporais de cada um dos *topos*, inviabilizando a orientação do presente por categorias do passado. A ideia de modernidade, por excelência, está diretamente atrelada às particularidades do tempo histórico, tornando-o um pré-requisito. Nesse sentido, é no interior da psique humana que residem estes dois fenômenos: a experiência do tempo e o sentido de modernidade, que unidos provocam mudanças epistemológicas no próprio sentido da história.

Entretanto, ao nos aprofundarmos numa avaliação mais epistemológica do conceito de Modernidade ao longo do tempo, é possível notarmos que o conceito opera por meio de uma multiplicidade que, utilizando do vocabulário de Hans Gumbrecht, se estabelece como uma espécie de “cascata”.<sup>8</sup> Isso se dá a partir da observação de que as temporalidades particulares nas quais o sentido de Modernidade aparece, engendram no seu interior ligações diacrônicas com o *topos* nos quais esta mesma ideia aparecera anteriormente. Nesse sentido, é possível percebermos que seguindo um ao outro de maneira particular, esses conceitos se entrecruzam, formando uma verdadeira “simultaneidade do não simultâneo”, para utilizarmos os termos de Reinhart Koselleck.

---

<sup>7</sup> KOSELLECK, Reinhart. “Modernidade” In: **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Contraponto, 2006. pp.269-270.

<sup>8</sup> GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Modernização dos sentidos**. São Paulo: Ed. 34, 1998. p.9.

“Quem opera com problemas e conceitos como os de modernidade e modernização, períodos e transições de período, progresso e estagnação – pelo menos quem o faz dentro do campo da cultura ocidental e está interessado em discutir a identidade do próprio presente histórico – não pode deixar de confrontar-se com o fato de uma sobreposição “desordenada” entre uma série de conceitos diferentes de modernidade e modernização. Como **cascatas**, esses conceitos diferentes de modernidade parecem seguir um ao outro numa sequência extremamente veloz, mas, retrospectivamente, observa-se também como se cruzam, como os seus efeitos se acumulam e como eles interferem mutuamente numa dimensão (difícil de descrever) de simultaneidade”.<sup>9</sup>

Nessa perspectiva, quando esses conceitos passam a interferir qualitativamente no mesmo significante é que podemos notar algumas problemáticas em torno dessas ideias de Modernidade. Para usar de exemplo, o que se concebe como “Início da Idade Moderna” surge em um momento no qual se fazia necessária a superação do período anterior conhecido como “Idade das Trevas”. Nesse sentido, aqui seria estabelecida uma relação de superação entre o presente e o passado que se consolidou de maneira bastante comum na utilização do termo “Moderno”.

No entanto, outras formas de se pensar a Modernidade foram surgindo com o passar do tempo, sobretudo a partir de aspirações particulares do tempo-presente que davam origem à novas singularidades epistemológicas em torno desse fenômeno. Entre meados dos séculos XVIII e XIX por exemplo, nota-se nas produções artísticas e historiográficas uma virada epistemológica tida como moderna.<sup>10</sup> Principalmente com o avanço das aspirações Iluministas na segunda metade do século XVIII, ocorreram alterações substanciais nos imaginários sociais – e mais fortemente no europeu – que possibilitaram a aspiração de um sentido de Modernidade no interior da *psique* daqueles sujeitos inseridos no contexto daquele tempo-histórico, que enxergava o mundo moderno de maneira muito mais cosmopolita, audaciosa e intrinsecamente mutável. Assim sendo, os sujeitos modernos, responsáveis pela produção da Modernidade nesse período, não assimilavam o conceito como simplesmente uma superação do passado, mas sim enxergando-a como uma novidade que passava a vislumbrar de maneira muito enfática, o futuro.

---

<sup>9</sup> Idem.

<sup>10</sup> Ibid., p.10.

Não obstante, mesmo após o cosmopolitismo dessas aspirações que se iniciaram no século XVIII, outros sentidos de Modernidade foram se validando diacronicamente ao longo do tempo. No entanto, o impacto dessa ideia de Modernidade setecentista se mostrou de tamanha potência que grande parte dos conceitos que foram surgindo posteriormente se articularam como “Pós-modernos”. No século XX, o fortalecimento das sociedades de massa e o “boom” tecnológico que se desenvolveu paralelamente fez com que uma ideia de Modernidade se sistematizasse atrelada a projetos radicais que estendiam sua influência até os campos da arte e da estética, que sofriam alterações no seu próprio interior e por muitas vezes se reconheciam como “alto-modernas”. Com isso, a identidade da segunda metade do século passado era ditada por essas aspirações, que serviam ainda como uma espécie de construtora de temporalidades que particularizam ainda mais não só as produções artísticas, mas também as literárias e até as científicas do final do milênio.<sup>11</sup>

Vale ressaltar ainda que esses conceitos de Modernidade apresentados aqui anteriormente são facilmente misturáveis devido a sua própria polissemia, uma vez que todos eles apontam para sentidos de modernização. Entretanto, a consolidação dessas concepções apresenta certas ambiguidades entre diferentes formas da Modernidade que deixam claras as características que as tornam particulares. É notório para muitos no decurso da História que as implicações fechadas de determinados conceitos não podem ser resolvidas em consensos. Não cabe, de maneira nenhuma, aos historiadores apresentar conceitualizações fechadas ou completas, visto que esse tipo de atribuição resultaria em uma desqualificação das orientações incumbidas ao passado. Em suma, uma vez que o estágio anterior, dotado de suas especificidades históricas, serve como pré-condição essencial para a compreensão do tempo-presente, convém ao historiador estabelecer o confronto entre as duas partes.

Assim sendo, a polissemia que é intrínseca aos conceitos aparece de maneira mais evidente. O surgimento de um “tempo-histórico” é a condição que viabiliza a emergência de novas interpretações dos conceitos através das particularidades do tempo-presente. Por esse ângulo, a percepção da categoria do “tempo-histórico” como “meta-histórico” precisa ser revista, uma vez que as experiências individuais

---

<sup>11</sup> Idem.

que só podem ser apreendidas pelos indivíduos que compartilham daqueles determinados contextos específicos é que passam a determinar com maior precisão as fronteiras conceituais dessas palavras. Assim sendo, é no campo da semântica que começam a se estabelecer essas disputas.

“A batalha semântica para definir, manter ou impor posições políticas e sociais em virtude das definições está presente, sem dúvida, em todas as épocas de crise registradas em fontes escritas. (...) os conceitos não servem mais para apreender os fatos de tal ou tal maneira, eles apontam para o futuro. Privilégios políticos ainda por serem conquistados foram formulados primeiro na linguagem, justamente para que pudessem ser conquistados e para que fosse possível denominá-los. Com esse procedimento, diminuiu o conteúdo empírico presente no significado de muitos conceitos, enquanto aumentava proporcionalmente a exigência de realização futura contida neles.”<sup>12</sup>

À vista disso, podemos analisar a emergência e os modos de utilização do conceito de Modernidade ao longo do tempo de maneira mais qualificada. As disputas semânticas que se articulavam nesses contextos onde o conceito de Modernidade era operado deixavam enfatizar mais profundamente suas relações com o passado e começavam, na verdade, a estabelecer uma determinada relação com o futuro. Assim como apontou Koselleck anteriormente, o aumento da exigência por uma aplicação empírica dos conceitos no futuro altera o *modus operandi* de orientação da Modernidade. Nesse sentido, o passado deixa de ser essencialmente uma espécie de “pré-requisito”, fazendo com que o presente surja como um ponto de inflexão que, por sua vez, serviria como o local de estimulação dos sentidos do que será apreendido como moderno no futuro.

“O sentido de uma palavra pode ser determinado pelo seu uso. Um conceito, ao contrário, para poder ser um conceito, deve manter-se polissêmico. Embora o conceito também esteja associado à palavra, ele é mais do que uma palavra: uma palavra se torna um conceito se a totalidade das circunstâncias político-sociais e empíricas, nas quais e para as quais essa palavra é usada, se agrega a ela. (...) Os conceitos são, portanto, vocábulos nos quais se concentra uma multiplicidade de significados. O significado e o significante de uma palavra podem ser pensados separadamente. No conceito, significado e significante coincidem na mesma medida em que a multiplicidade da realidade e da experiência histórica se agrega à capacidade de plurissignificação de uma palavra, de forma que seu significado só possa ser observado e compreendido por meio dessa mesma palavra”.<sup>13</sup>

<sup>12</sup> KOSELLECK, Reinhart. op. cit. p.102.

<sup>13</sup> Ibid., p.109.

Assim sendo, é no entrecruzamento entre a experiência histórica e a função semântica da palavra que podem se compreender os conceitos. Nessa perspectiva, os conceitos atuam como um fator geracional das experiências, e não apenas como apenas indicadores de compreensão das mesmas. Eles estabelecem as fronteiras, os limites. Além de abrir as perspectivas interpretativas particulares de cada indivíduo, os conceitos estabelecem um papel de limitador à medida que eles próprios se encontram no limite entre a experiência empírica e a dimensão teórica.

Apesar das ações humanas serem passíveis de interpretação através de seu desenvolvimento linguístico, o surgimento de novas estruturas conceituais não é capaz de incorporar totalmente as dimensões de experiências existentes nas intervenções humanas no mundo. Existem elementos metalinguísticos que não são possíveis de serem absorvidos pelos instrumentos linguísticos mobilizados pelos modernos.

“Nem a conceituação linguística consegue dar conta daquilo que ocorre ou daquilo que de fato (*tatsächlich*) aconteceu, nem o acontecimento se dá sem que seja transformado por sua elaboração linguística. [...] Apenas o dia seguinte te diz o que estás fazendo; e o que dizes se transforma em evento precisamente ao fugir do teu controle. Aquilo que acontece entre pessoas, ou seja, socialmente, e aquilo que é dito nessa ocorrência, ou sobre ela, gera uma diferença autopropulsora que impede qualquer “*historie totale*”. A história efetiva-se na antecipação da incompletude; cada interpretação adequada precisa, portanto, desistir da totalidade.”<sup>14</sup>

Essa diferença existente entre aquilo que acontece e aquilo que é dito não é capaz de ser abstraída linguisticamente. É nesse espaço de experiência que residem as particularidades metalinguísticas que tornam necessária a construção de uma história conceitual capaz de compreender a estruturação epistemológica dos conceitos que são usados para construção de determinada realidade histórica.

“Para a história dos conceitos, a linguagem é, por um lado, um indicador da ‘realidade’ previamente existente e, por outro, um fator para descoberta da realidade. A história dos conceitos não é ‘materialista’ nem ‘idealista’; investiga tanto as experiências e estados de coisas que são capturados conceitualmente, quanto o modo como essas experiências e esses estados de coisas são conceitualizados. Nesse sentido, a história dos conceitos serve como mediadora entre as histórias da linguagem e as histórias extraconceituais (*Sachgeschichte*). Uma de suas tarefas é a análise de convergências, deslocamentos ou discrepâncias na

---

<sup>14</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Histórias de conceitos**. Estudos sobre a semântica e a pragmática da linguagem política e social. Tradução: Markus Hediger. Rio de Janeiro, Contraponto, 2020. p. 20

relação entre conceitos e estados de coisas, que têm lugar no decurso da história.”<sup>15</sup>

Dessa forma, cabe ainda salientarmos que além da dimensão de experiência presente nos processos linguísticos, há ainda uma dimensão temporal. A dimensão polissêmica dos conceitos histórico-sociais revela consigo camadas conceituais que só podem ser acessadas a partir de uma análise temporal de suas formações. Assim sendo, um dos conceitos fundamentais para compreensão do fenômeno da Modernidade, apontado por Koselleck, é o conceito de *progresso*.<sup>16</sup>

Todavia, a ideia de progresso aqui mobilizada por Koselleck serve para aprofundar ainda mais as formas de análise da história dos conceitos. Ao avaliar de maneira mais acentuada o conceito de progresso, é possível notar diferenças entre sua colocação a priori e a forma em que ele é mobilizado pelos sujeitos modernos, sobretudo a partir do século XVIII. A universalização conceitual mobilizada por esses indivíduos torna algumas apreensões linguísticas antes ligadas à desenvolvimentos particulares em novas formas de linguagem que agora passam a abarcar a totalidade dos indivíduos. Se antes era possível focalizar a ideia de progresso em progresso das ciências, progressos da medicina e até progressos individuais, agora o conceito de progresso passa a ser mobilizado como progresso da Humanidade, visando englobar todos os indivíduos humanos sem distinção.

“Somente na década de 1780 é que a expressão *progresso* (*Fortschritt*) será concebida – por Kant – como termo histórico. Trata-se de uma criação vocabular que reúne a **soma de todos os progressos individuais em um único conceito**. Esse novo **singular coletivo** abarca os significados tanto de “*perfectibilité*” quanto de “*perfectionnement*”. Trata-se de uma expressão de elevada pretensão teórica, pois indica uma modalidade temporal da história que até então nunca havia sido conceitualizada. O progresso só pode realizado como experiência histórica se os seres humanos estiverem cientes da sua tarefa de promover esse progresso. Nesse sentido, é um conceito reflexivo (*Reflexionsbegriff*), que define condições de possibilidade, mas não um conceito empírico. Em outras palavras, a expressão é uma **categoria transcendental** na qual as condições do conhecimento convergem com as condições do agir e do ato.”<sup>17</sup>

A ideia de um singular coletivo eleva substancialmente a necessidade de uma grande abstração teórica para a compreensão desse tipo de conceito. No entanto, além dessa diferença, uma das particularidades que surgem à primeira vista nessa nova forma de estrutura conceitual se dá à medida que esses novos fenômenos

---

<sup>15</sup> Ibid., p. 107.

<sup>16</sup> Ibid., p. 85.

<sup>17</sup> Ibid., p. 87. (Grifos meus)

linguísticos contém uma determinada ausência de materialidade. Nesse sentido, se torna mais complexa a análise da formação conceitual de *progresso* visto que os referenciais de observação se tornam mais sinuosos.

Deste ponto de vista, a categoria de *progresso* nos permite compreender a partir de seu caráter autorreflexivo uma nova forma de caracterizar os fenômenos linguísticos ao passo que suas características de temporalização totalmente novas revelam um também novo modo de interpretar as dimensões entre experiência e expectativa.

“Quando se aplica a hipótese da temporalização, todo o vocabulário sociopolítico passa a revelar coeficientes de movimento e de transformação. Todos os conceitos sociopolíticos entram em um estado de tensão temporal que, de maneiras novas, vincula o passado ao futuro. Em outras palavras: as *expectativas* já não podem mais ser totalmente deduzidas da *experiência* pretérita. A experiência – do passado – e a expectativa – para o futuro – separam-se uma da outra. Isso é apenas uma maneira de formular a temporalização que é característica da modernidade.”<sup>18</sup>

O crescimento desses conceitos que indicam movimento na Modernidade revela a velocidade em que a sociedade da época incorporava ao seu vocabulário as expectativas de futuro abertas que eram potencializadas por essas novas formas linguísticas de descrever o mundo.

“Trata-se sempre de *conceitos de movimento* que, na prática, servem para fixar novas metas, tendo em vista a reorganização política e social da sociedade estamental que estava se dissolvendo. O que essas expressões têm em comum é que nenhuma delas se apoia em experiências comuns ou previamente dadas. Em vez disso, *compensam um déficit de experiências por meio da projeção de um futuro que ainda precisa ser realizado*. Todos os conceitos de movimento acima mencionados, com a pretensão de servir de estímulo à ação, são marcados por essa estrutura básica – isto é, pela diferença entre o inventário de experiências e o horizonte de expectativas que é constitutiva da temporalização.”<sup>19</sup>

A formulação dessas palavras que indicam movimento no campo da linguagem apresenta uma forma de enxergar a modalização temporal entre passado, presente e futuro de maneiras distintas. O tempo vivido, deixa de servir completamente como espaço de experiência e o futuro se mostra atomizado em várias possibilidades de realização de acordo com os movimentos humanos. Por sua

---

<sup>18</sup> Ibid., p. 88-89.

<sup>19</sup> Ibid., p. 90.

vez, junto do presente urge uma necessidade de aceleração do tempo que busca alcançar as expectativas de futuro o mais rápido possível.

Essa forma de estruturação temporal da Modernidade, que busca através dessa aceleração encurtar o espaço entre o passado e o futuro, se baseia na crença de que os sujeitos estão sempre em uma constante evolução. Em um tempo especializado, o futuro estaria sempre à frente como um lugar a se chegar que seria sempre melhor em relação ao que foi deixado para trás. No entanto, sabemos que essa maneira positiva de se enxergar o horizonte não se sustentou empiricamente por muito tempo, uma vez que alguns acontecimentos no início do século XX já produziram questionamentos sobre essa maneira de se enxergar o tempo.

Esse movimento do progresso, como apontamos, não se reduzia unicamente a questões morais e políticas, mas também a desenvolvimentos do campo científico que, conseqüentemente, se estendiam para a produção de novos armamentos e dispositivos de guerra. Nesse sentido, a perspectiva positiva do progresso poderia ser questionada, uma vez que ela também é responsável pela produção de novos modos de destruição que abalam as estruturas sociais de maneira cada vez mais impactante.

Ao colocar a ideia de progresso em xeque após os pontos de inflexão existentes no século XX, é possível observarmos que o progresso mobilizado pelos iluministas do XVIII não se realiza concretamente. Nesse sentido, a sociedade moderna passa a procurar novas bases conceituais para descrever as experiências no mundo, de forma a buscar novas tradições para explicar o presente que não resultem do campo de experiências oferecido pelo passado. Por outro lado, há ainda uma quebra do horizonte de expectativas, visto que a incerteza sobre as possibilidades de futuro revela a necessidade de novas formulações que deem conta de abarcar essa nova realidade.<sup>20</sup>

## **2.2. A modernização da guerra.**

O século XX é merecidamente um espaço de especial atenção por parte dos historiadores desde seu início. Apesar de tentarmos examinar aqui as projeções

---

<sup>20</sup> HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2013. (Coleção História & Historiografia) p.19-20.

sociolinguísticas que levaram as sociedades modernas ao colapso já nas primeiras décadas do 1900, algumas outras características precisam de maior atenção, dado que os processos de modernização e evolução da ideia de progresso são ainda insuficientes para explicar a policrise que se estabelece durante todo o último século. São perturbações ao gênero humano de uma potência nunca antes vista, capaz de provocar alterações substanciais que até hoje não foram plenamente compreendidas.

A guerra moderna é indiscutivelmente um dos fenômenos de maior impacto do século passado devido ao seu elevado grau de destruição. Com ela, a manutenção da ética e da justiça monopolizada pelo Estado são rompidas, desencadeando uma interrupção do autocontrole dos indivíduos. A ideia de progresso objetivada pelo Iluminismo entra em crise no século XX, mesmo com o estabelecimento de uma racionalidade idealizada do avanço da humanidade. Isso porque o crescente desenvolvimento da tecnologia se torna independente em relação ao espírito humano<sup>21</sup>, proporcionando novas conjunturas ao “gênio da guerra”.

Com isso, uma das tentativas de análise diante do cenário de crise que se estabelecia de maneira cada vez mais sistemática no mundo ocidental após os fenômenos da Primeira Guerra – ainda com as ciências na buscando a melhor forma de compreender a natureza e o desenvolvimento do impacto que a guerra moderna poderia causar – se deu por meio da psicanálise. Freud buscou, como um observador contemporâneo àquele tempo, refletir sobre algumas questões latentes que poderiam auxiliar o trabalho intelectual na compreensão do período.

Sigmund Freud nasceu em Freiburg, cidade do então Império Austríaco, em 6 de maio de 1856. Filho do terceiro casamento de um pobre comerciante judeu, Freud cresceu mudando frequentemente de cidade até se estabelecer e ingressar na Universidade de Viena aos 17 anos. Para além de seus estudos na psicanálise, Freud é reconhecido como um dos maiores pensadores dos séculos XIX e XX, tendo uma contribuição valiosa como observador de um período bastante importante para as civilizações modernas.<sup>22</sup>No entanto, dada a incapacidade de analisarmos globalmente a bibliografia freudiana no espaço desse trabalho, concentraremos nossos esforços em uma parcela de textos do psicanalista as quais ele se dedica ao fenômeno da guerra.

---

<sup>21</sup> Trata-se aqui de progresso da moralidade.

<sup>22</sup> Para melhor compreender a trajetória biográfica de Freud, Cf. Gay (2012)

A primeira delas diz respeito as relações entre a violência e o poder. Se analisarmos a forma pela qual ocorriam as transições de poder desde as primeiras formações sociais, abstendo-nos momentaneamente da indiscutível evolução tecnológica dos meios utilizados para tal, é possível notarmos as aproximações e as diferenças entre as particularidades que levam grupos distintos a guerrear entre si. Em um primeiro momento, mediante a existência pequenos grupos sociais as transições se davam por intermédio da força física. Com o desenvolvimento das primeiras armas, a alternância do poder ocorria através de uma dimensão muito mais intelectual – daqueles que utilizavam melhor as armas disponíveis – do que propriamente resumidas ao combate físico.<sup>23</sup>

Dessa maneira, um olhar mais aguçado sobre essas transições e alternâncias de poder permite notar uma característica comum que não fora abandonada pela “evolução” do conflito: ambas as formas necessitam transcorrer por intermédio da violência. Mesmo que de um ponto de vista sistêmico essas relações tenham transitado para a utilização de estratégias que permitiriam obtenção de vantagens para uns ou para outros, o propósito da guerra ainda permanece profundamente ligado por uma dimensão que pode resultar no subjugamento de indivíduos ou pequenos grupos sociais; ou ainda mesmo na eliminação destes.

No entanto, com a formação de pequenas comunidades, que posteriormente se tornariam cidades e, conseqüentemente, estados independentes no futuro, buscou-se estruturar uma outra forma de transição de poder que não precisasse necessariamente ocorrer através de conflitos mediados pelo uso da violência como forma de resolução. Uma vez que esses grupos se constituíam por diferentes indivíduos que escolhiam voluntariamente abdicar de suas soberanias individuais na busca por um fortalecimento coletivo onde uns protegeriam os outros, os conflitos, em tese, seriam suprimidos pelo estabelecimento de um conjunto de regras que apartaria, ainda que momentaneamente, a necessidade de embate desses indivíduos na busca pelo poder.

Posteriormente, esse quadro de normas que hoje conhecemos como Direito procurou se consolidar como uma instância social que permitisse a solidificação de uma sociedade apartada da disputa individual homem x homem mediante a repressão da violência. Os grupos sociais passaram então a estabelecer vínculos

---

<sup>23</sup> FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. p. 419-420.

afetivos – identificações – que possibilitavam uma suspensão dessas individualidades e permitiam uma maior união entre inúmeros núcleos que se aproximavam pelas mais variadas crenças – chegando a transpassar até mesmo laços sanguíneos, e alicerçavam essas novas estruturas sociais.

“Se falta um desses fatores (repressão da violência ou identificação) possivelmente o outro pode manter de pé a comunidade. [...] A história ensina que, de fato, elas exerceram influência. A ideia pan-helênica, por exemplo, a consciência de que **gregos seriam melhores do que os bárbaros** ao seu redor, que se expressou intensamente nas anfictionias, nos oráculos e nos jogos, era forte o bastante para mitigar os costumes de guerra entre os gregos, mas evidentemente não foi capaz de prevenir disputas guerreiras entre partículas do povo grego, nem sequer impedir que uma cidade ou liga de cidades se juntasse ao inimigo persa em detrimento de um rival. **O forte sentimento que unia os cristãos** também não evitou que, durante o Renascimento, pequenos e grandes Estados cristãos solicitassem a ajuda do sultão nas guerras que travaram entre si. **E não existe em nosso tempo (moderno), uma ideia a que possamos atribuir uma autoridade unificadora desse tipo.** É evidente que os ideais nacionais que hoje vigoram entre os povos têm efeito contrário. [...] Assim, parece mesmo que **a tentativa de substituir o poder real pelo poder das ideias ainda se acha condenado ao fracasso.** É um erro de cálculo considerar que originalmente o direito era força bruta e que ainda hoje não pode prescindir do amparo da força.”<sup>24</sup>

Antes de mais nada, é necessário salientarmos algumas características inerentes a leitura de Freud que não podem passar despercebidas nesse trecho. Apesar de chamar atenção logo no início um tema caro aos historiadores – a função pedagógica da história – essa é uma questão que deixaremos de lado, ao menos por enquanto. Isto posto, dois problemas aparecem um tanto quanto subjetivamente no argumento freudiano: O primeiro diz respeito ao uso de pares conceituais que contém na origem de suas formulações o estabelecimento de determinadas assimetrias que buscam delimitar qualitativamente as fronteiras entre grupos sociais distintos. Depois podemos notar que o psicanalista apresenta uma diferenciação sintomática entre as características do passado e do presente, apresentando um diagnóstico acerca de seu tempo que precisa de maior consideração.

Em primeiro lugar é preciso reconhecer que apesar de Freud estar se referindo a sociedades que habitam na Antiguidade, a polarização entre gregos e bárbaros serve de exemplo valioso para análise da formulação de pares conceituais

---

<sup>24</sup> Ibid., p. 425-426 (grifos nossos)

antitéticos-assimétricos.<sup>25</sup> Essas estruturações linguísticas são capazes de atravessar suas próprias temporalidades e auxiliar na compreensão do desenvolvimento das sociedades ao longo do tempo. Diferentemente dos conceitos de movimento, como os de Modernidade e Progresso que avaliamos anteriormente, o par conceitual gregos e bárbaros apresenta uma distinção que *a priori* reside na espacialidade, delimitando categoricamente as fronteiras que diferenciam os grupos sociais. No entanto, esse é apenas um exemplo possível entre inúmeros outros pares conceituais que compartilham do mesmo princípio.

Assim sendo, é importante notar que tais estruturas de linguagem apresentam polaridades que apontam para uma só direção. Os indivíduos que se consideram superiores são os responsáveis por estabelecer as formulações, resultando numa dificuldade de autodenominação por parte daqueles que se encontram no outro elo da polaridade. No caso dos gregos, os sujeitos que se encontravam na *polis* distinguiram-se dos chamados bárbaros através de uma relação de superioridade, ligada a graus de civilidade determinados por um conjunto de normas idealizado por eles próprios. Essas assimetrias fundamentavam a ocorrência de conflitos entre esses povos, que enxergavam a violência como a única forma de resolução, seja visando a submissão ou a eliminação de um ou de outro.

De um ponto de vista histórico, a observação freudiana evidencia que mesmo com o estabelecimento de categorias conceituais que visavam estruturar um caráter de distinção entre determinados grupos sociais, as assimetrias presentes no interior dessas formulações não eram capazes de solidificar permanentemente um estado de harmonia entre organizações que se colocavam como parte do mesmo estrato da polaridade. Nesse sentido, ainda que houvessem inúmeros conflitos oriundos da manifestada diferenciação entre helenos e bárbaros, no primeiro caso, e cristãos e não-cristãos, no segundo, ocorriam ainda perturbações de outra ordem que os mecanismos de repressão da violência – como o Direito – não conseguiam impedir, mesmo se tratando de classes de indivíduos que, como demos nota, constituíam parte do círculo da polaridade que era responsável por produzir as assimetrias e que, assim, se colocava como superior.

Isso porque:

“[...] na realidade as coisas se complicam pelo fato de que desde o princípio a comunidade abrange elementos de poder desigual,

---

<sup>25</sup> Ver: KOSELLECK, 2005, cap. 10.

homens e mulheres, pais e filhos e, em consequência de guerras e conquistas, vencedores e vencidos, que se transformam em senhores e escravos. Então o direito da comunidade se torna expressão das desiguais relações de poder em seu interior, as leis são feitas por e para os que dominam, reservando poucos direitos para os dominados.”<sup>26</sup>

Dessa maneira, elementos contidos nas estruturas que mantêm as organizações sociais funcionando passam a esbarrar em limites que acabam por desenvolver perturbações que em tese estariam superadas: como a violência, a desigualdade e a distribuição do poder. Com isso, aliado aos problemas oriundos das situações de assimetria existentes entre sociedades distintas, a guerra retorna à cena como possibilidade de solução dos conflitos, evidenciando, como constatou Freud, o “erro de cálculo” da possibilidade de não uso da força por parte das instituições do mundo do Direito.

Portanto, podemos perceber a ocorrência de determinados ciclos de violência que são característicos desde os princípios das formações sociais. Ainda que haja uma evolução na forma pela qual as sociedades buscam suprimir situações de violência, em um esforço de manutenção da harmonia, as pequenas guerras só foram substituídas ao longo do tempo por situações de conflito mais espaçadas, porém substancialmente mais destrutivas – sobretudo na Modernidade.

Retomando aquela passagem de Freud, quando o psicanalista constata que “não existe em nosso tempo [moderno], uma ideia a que possamos atribuir uma autoridade unificadora desse tipo”<sup>27</sup>, diferente daquele sentimento que une os cristãos ou os gregos, se torna explícito que os processos de modernização não foram capazes de consolidar os pactos de harmonia entre grupos sociais distintos. Embora se apresente um esforço do “mundo moderno” ocidental de estabelecer instituições supranacionais<sup>28</sup>, que teoricamente estariam acima dos interesses particulares de cada um dos Estados que compunham esse grupo, é um ato falho ignorar que essas nações são lideradas por indivíduos que incorporam parte daqueles “elementos de poder desigual”<sup>29</sup> que inevitavelmente tornam remotas as possibilidades de paz.

Com a constituição mais profunda dos ideais de *modernidade* e *progresso* nas sociedades ocidentais, as motivações para se guerrear e os métodos utilizados

---

<sup>26</sup> FREUD, 2010a, p. 422.

<sup>27</sup> FREUD, 2010a, p.426.

<sup>28</sup> Como a falida Liga das Nações e mais recentemente a Organização das Nações Unidas (ONU).

<sup>29</sup> Ibid., p. 422.

nos conflitos também acabaram inevitavelmente sendo radicalmente alterados. Tentamos acompanhar aqui anteriormente uma espécie de racionalidade, ao longo do tempo, das formas de transição de poder e dos produtos resultantes desses processos. Seja do ponto de vista da História ou da psicanálise, pudemos constatar que a abolição das guerras pelo gênero humano se mostra sustentadamente improvável. Os motivos para tal, dos mais variados, podem recorrer desde uma manifestação do inconsciente desejo de violência reprimido pelo progresso dos ideais de civilização, até incongruências diplomáticas que se potencializam com os Estados nacionais modernos.

Diante disso, se partimos do pressuposto de que a guerra moderna apresenta uma evolução em relação aos conflitos do passado, precisaremos nos dedicar com mais atenção a compreender esse novo fenômeno e as razões pelas quais homens decidem se envolver numa perturbação de tamanha magnitude. Uma das possibilidades estaria no reconhecimento da existência daquela inerradicável desigualdade entre os homens já constatada por Freud<sup>30</sup>, que faz com que as sociedades se dividam em categorias assimétricas que distribuem privilégios para os grupos que exercem papel de liderança, resultando em uma relação dependência entre uns e outros que provoca inquietações no interior dessas formações sociais. Esse cenário contribui para existência dos conflitos, visto que as decisões não são tomadas de maneira totalmente democráticas e, portanto, acabam por serem atacadas incondicionalmente por aqueles que estão postos à margem desses círculos.

Ainda que a submissão desses problemas ao exame da razão – herança deixada pela sociedade do progresso imaginada pelos Iluministas – e a Teoria dos Instintos, promovida pela psicanálise, sejam formas possíveis de leitura para compreender e solucionar essas questões, a guerra moderna atinge um estágio de destruição que atravessa os limites da consciência humana e torna obsoletos esses conceitos germinados nos séculos passados. No entanto, vale ressaltar ainda que esse desenvolvimento resulta, para alguns Estados, na necessidade de guerrear apenas com o intuito de se defender de incursões articuladas por outros grupos que, por motivos já citados aqui, resolveram entrar em conflito. Nesse sentido, ao analisar essas justificativas para a ocorrência de guerras, Hannah Arendt diz:

---

<sup>30</sup> Cf. citação da página 26 deste trabalho.

“O próprio fato de terem os aperfeiçoadores dos meios de destruição chegado afinal a um nível de desenvolvimento técnico no qual sua meta, ou seja, a guerra, também está em vias de desaparecer, graças aos meios colocados à sua disposição, é como uma lembrança irônica da onipresente imprevisibilidade que encontramos quando abordamos a questão da violência. **A grande razão porque ainda existe guerra não é um secreto desejo de morte da espécie humana nem um irreprimível instinto de agressão** nem, por último, e mais plausivelmente, os sérios perigos econômicos e sociais inerentes ao desarmamento, **mas simplesmente o fato de que ainda não apareceu um substituto no cenário político para o árbitro final em questões internacionais.** Não estaria Hobbes certo quando disse: ‘Pactos sem espada são apenas palavras?’”<sup>31</sup>

Com isso, a guerra se mostra como um dilema tão incontornável que pode ser determinada como parte da natureza humana. Enquanto não forem desenvolvidos métodos diferentes de solução final para as idiossincrasias dos indivíduos, as guerras existirão. Isso porque ela se coloca como a etapa última, cujos resultados podem ser somente o subjugamento ou a eliminação do outro, levantando assim questionamentos sobre a própria evolução das civilizações e seus pactos de polidez e harmonia. Entretanto, retornado a Freud vemos que:

“[...] em sua forma atual, a guerra já não oferece oportunidade de satisfazer o antigo ideal heroico, e no futuro, graças ao aperfeiçoamento dos meios de destruição, uma guerra significaria a eliminação de um ou até mesmo de ambos os adversários.”<sup>32</sup>

Essa nova forma – moderna – de guerrear, promove uma aceleração temporal que atomiza novamente os sujeitos e torna particulares os efeitos desse fenômeno em cada um dos indivíduos, ocasionando uma regressão àquele estado natural onde a violência se impõe como a única saída. Por outro lado, essa violência não surge, como constatado por Freud, nesse caso, enquanto uma necessidade de satisfação instintual, ela passa a ser racionalizada, orientada e aplicada para fins específicos. É uma das novas características desse também novo modelo de conflito.

Outro ponto importante nessa esteira de caracterização é o fato de que esse “aperfeiçoamento dos meios de destruição” promove uma alteração radical do ponto de vista do espaço. Da Antiguidade à Idade Moderna as guerras se distribuíam em campos de batalha específicos que, geralmente, não se estendiam por grandes porções de terra. Com a modernização e o desenvolvimento armamentista, esses espaços se expandem. Metralhadoras, tanques e aviões – posteriormente equipados

<sup>31</sup> ARENDT, Hannah. **Crises da República**. São Paulo: Perspectiva, 1999. (2ª edição). p.95

<sup>32</sup> FREUD, 2010a. p.432.

com mísseis balísticos, proporcionam em uma velocidade nunca antes vista uma capacidade de destruição inovadora que permite a produção de uma sensação de insegurança generalizada. A guerra sai dos campos de batalha, por vezes distantes, e avança sobre as cidades, onde os adversários deixam de ser apenas soldados especializados no combate e passam a se dissolver numa proporção onde todos se tornam inimigos indiscriminadamente.

Para melhor compreender essas questões, recorreremos mais uma vez a algumas observações de Freud. Dessa vez, menos de um ponto de vista da psicanálise por trás da violência e mais como um observador contemporâneo do período.

**“Apanhados no torvelinho desse tempo de guerra**, informados de maneira unilateral, sem distanciamento das grandes mudanças que já ocorreram ou estão para ocorrer **e sem noção do futuro** que se configura, **ficamos nós mesmos perdidos** quanto aos significados das impressões que se abalam sobre nós e quanto ao valor dos julgamentos que formamos. Quer nos parecer que jamais um acontecimento destruiu tantos bens preciosos da humanidade, jamais confundiu tantas inteligências das mais lúcidas e degradou tão radicalmente o que era elevado. Até mesmo a **ciência perdeu sua desapaixonada imparcialidade**; profundamente exasperados, seus servidores buscam extrair-lhe armas, para dar contribuição à luta contra os inimigos. O antropólogo tem que **declarar o adversário um ser inferior e degenerado**, o psiquiatra tem que diagnosticar nele uma perturbação espiritual ou psíquica. Mas provavelmente sentimos **o mal desse tempo** com intensidade desmedida, não tendo direito de compará-lo com aquele de tempos que não vivenciamos.”<sup>33</sup>

Em um primeiro momento, o psicanalista chama atenção para uma caracterização temporal específica do fenômeno da guerra onde a ausência de uma perspectiva de futuro causa uma sensação de desorientação, mesmo para aqueles que estão imersos no contexto – apontando assim para uma nova especificidade do conflito. Esse estreitamento do horizonte de expectativas – para usarmos termos koselleckianos – se dá pelo fato de que o desenvolvimento das armas e sua ampliação da capacidade de destruição, em períodos de tempo muito menores, promove essa sensação de que um futuro outro que não seja o do desmoronamento das sociedades modernas não se mostrava provável. Com isso, quando falamos de evolução do conflito, esse é um dos primeiros sintomas que podemos notar. Essa é uma guerra que fabrica e preenche um tempo novo, desorientado porque não se

---

<sup>33</sup> FREUD, Sigmund. “Considerações atuais sobre a guerra e a morte (1915)”. In: **Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1919)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. p. 210.

assemelha em nada ao seu passado e suprime as probabilidades de um futuro positivo.

Um segundo traço de novidade, que também podemos tomar nota a partir da observação freudiana, diz respeito a criação de novas armas e à amplificação da destruição resultante desses esforços. Não podemos ignorar o grau de responsabilidade que o impacto do desenvolvimento científico tem nessa situação a partir do momento em que as mobilizações intelectuais passam a se dedicar, quase que integralmente, na formulação de novos artifícios para eliminação do outro. A máquina da guerra subverte o desenvolvimento científico à uma nova engrenagem, promovendo um desencantamento do progresso que imaginava na racionalidade das ciências um dos alicerces das sociedades imaginadas no futuro.

Além disso, há também alterações, do ponto de vista das Humanidades, nas formulações linguísticas empregadas para a compreensão do período. A violência que, como exploramos, necessitava de justificativas para sua aplicação<sup>34</sup>, atinge um nível que supera os limites da materialidade e passa a agir na consciência dos sujeitos inseridos no tempo da guerra. Para que isso ocorra, se faz necessário uma alteração nas imagens criadas sobre os inimigos a fim de promover uma desumanização dos mesmos, tornando assim a destruição do outro menos impactante do ponto de vista psicológico. Essa observação sobre as particularidades da guerra moderna aparece já em Hobsbawn, quando ele constata:

“Temos como certo que **a guerra moderna** envolve todos os cidadãos e mobiliza a maioria; é travada com armamentos que exigem um desvio de toda a economia para a sua produção, e são usados em quantidades inimagináveis; **produz indizível destruição e domina e transforma absolutamente a vida dos países nela envolvidos.** Contudo, **todos esses fenômenos pertencem apenas às guerras do século XX.** [...] O monstro da guerra total do século XX não nasceu já do seu tamanho. Contudo, de 1914 em diante, as guerras foram inquestionavelmente guerras de massa.”<sup>35</sup>

Essa combinação entre o mundo da guerra e o mundo do trabalho têm relações diretas com o desenvolvimento do capitalismo e do espírito do progresso. A ideia de uma guerra de proporções quase ilimitadas como viemos analisando, não

---

<sup>34</sup> Não entraremos novamente no mérito dessas justificativas, dada a necessidade de uma discussão mais aprofundada que demandaria um grau de interdisciplinaridade que não caberia nessa dissertação. Isto posto, trataremos aqui apenas das apreensões já discutidas anteriormente através das observações de Freud, como as desigualdades incontornáveis e a supressão da vida instintual.

<sup>35</sup> HOBBSAWM, E. J. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995. (2ª edição). p. 51.

poderia ser pensada fora de uma sociedade de massas, visto que para manutenção do funcionamento da “máquina da guerra” seria necessária uma mobilização da força de trabalho em proporções tão gigantescas quanto o conflito. Essas sociedades são construídas em torno das fábricas e alteram significativamente o modelo de vida citadino e o perfil dos trabalhadores fabris.<sup>36</sup>

Uma vez que os homens habitam naturalmente as frentes de batalha, os espaços que surgem nas fábricas passam a ser preenchidos por mulheres e crianças que antes se encontravam à margem dos conflitos. Se no passado as guerras aristocráticas eram travadas somente por destacamentos de especialistas, a guerra moderna produz uma mobilização de todos os estratos da sociedade, abandonando a ideia antiga que reduzia à coroa como única parte interessada nas lutas e estabelecendo um novo paradigma no qual toda a nação se encontra envolvida no confronto.<sup>37</sup>

Essas alterações podem ser notadas já na Primeira Guerra<sup>38</sup>. No entanto, o que não se esperava era que essas novas fronteiras de destruição pudessem ser ultrapassadas em uma velocidade ainda maior do que foram estabelecidas. Se antes pudemos observar uma evolução da violência que necessitou de séculos para atingir o ápice do seu potencial destrutivo, agora esse limite seria superado em menos de quatro décadas. O progresso das ciências não se conteve com a possibilidade de eliminação dos grupos envolvidos nos conflitos e revelou a possibilidade de uma destruição de toda a humanidade, ou até mesmo do planeta. Nessa perspectiva, essa avaliação também aparece em Arendt, quando ela diz:

“Há, todavia, um outro fator na situação atual que, embora não previsto por ninguém, é pelo menos de igual importância. **O desenvolvimento técnico dos implementos da violência chegou a tal ponto que nenhum objetivo político concebível poderia corresponder ao seu potencial destrutivo, ou justificar seu uso efetivo num conflito armado.** Assim, a arte da guerra – desde tempos imemoriais o impiedoso árbitro final em disputas internacionais – perdeu muito de sua eficácia e quase todo seu fascínio. O “apocalíptico” jogo de xadrez entre as superpotências, ou seja, entre os que manobram no plano mais alto de nossa civilização, está sendo jogado segundo a regra ‘se qualquer um ‘ganhar’ é o fim de ambos’; **é um embate sem qualquer semelhança com os outros embates militares**

<sup>36</sup> Cf. JUNGER, Ernst. A mobilização total. **Nat. hum.** [online]. 2002, vol.4, n.1, Pp. 189-216. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302002000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302002000100006&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em 1 de maio de 2023.

<sup>37</sup> Idem.

<sup>38</sup> Temporal, científico-destrutiva e linguístico-psicológica.

**precedentes.** Seu objetivo ‘racional’ é **intimidação e não vitória**, e a corrida armamentista, já não sendo uma preparação para a guerra, só pode ser justificada agora pela ideia de que **quanto mais intimidação houver maior é a garantia de paz.**”<sup>39</sup>

A observação de Hannah Arendt avança no debate acerca da aplicabilidade do elevado grau de violência disponível em meados do século passado, constatando aquela capacidade de desmaterialização da violência que abordamos anteriormente. Dessa forma, a guerra se distancia parcialmente da necessidade física do combate para atacar a esfera das mentalidades. O poder não estaria mais concentrado plenamente nas instituições sociais, mas sim transferido para o acúmulo desmedido das organizações industrial-militares. Ainda que elas fossem vinculadas aos Estados nacionais, esses grupos eram compostos por poucos indivíduos, que acabavam acumulando um alto grau de responsabilidade sobre o futuro das sociedades que faziam parte.

Assim sendo, podemos notar que o desenvolvimento do espírito do progresso não levou ao estado democrático de direito como esperado, mas sim a um distúrbio nas sociedades modernas de natureza ilimitada. Nenhuma das estruturas linguísticas conceituais que fazem parte do arcabouço teórico da Modernidade são capazes de aprender todos os sentidos que se multiplicam com o desenrolar das guerras do século XX. Em uma sociedade sem limites, o quadro de experiências do passado não fornece referências suficientes que possibilitem uma dissolução desses problemas, e as perspectivas de futuro que se apresentam passam a se resumir unicamente em desdobramentos da destruição causada pela guerra.

Essa possibilidade de destruição total observada com o fenômeno nuclear da Segunda Guerra serviu como a última linha a ser ultrapassada pela sociedade do progresso imaginada pelos Iluministas. A bomba era, por fim, a representação imagética da falência dos projetos racionalizados que sustentaram por mais de um século as bases das civilizações modernas, resultando num panorama de indefinição onde a violência era tamanha, que acabara por suspender o próprio movimento do tempo. Diante da catástrofe, o presente se depara com uma realidade inescapável que não encontra soluções nem possibilidades de mudança senão pelo fim dela mesma.

### **2.3. A “Era Atômica” e os modernos.**

---

<sup>39</sup> ARENDT, 1999. p. 93-94.

Um fenômeno de tamanha proporção como a Segunda Guerra, aliado a maior mobilização social em prol de um confronto já vista até o momento, concentrou os esforços intelectuais para sua compreensão durante todas as décadas subsequentes. Apesar do esforço freudiano – sem tomar lado nenhum – para investigar as origens e as motivações para a existência de guerras, o argumento do psicanalista não seria capaz de prever um evento dessa magnitude.<sup>40</sup> Portanto, precisaremos recorrer a outras análises de sujeitos que também vivenciaram o período em questão e se propuseram a elaborar reflexões sobre esse novo tempo que se inaugurava em 1945.

Um desses pensadores que dedicaram parte da vida para o trabalho intelectual de discussão acerca desse período é o filósofo e ensaísta alemão Günther Anders. Nascido em 1902, em Breslau, cidade polonesa do antigo Império Alemão, Anders é uma das maiores referências sobre o pensamento acerca do fenômeno nuclear. Destacado intelectual desde a sua juventude, o alemão teve sua tese de doutorado orientada por Edmund Husserl e foi aluno de grandes nomes como Martin Heidegger e Ernst Cassirer. Tendo ganhado maior notoriedade sobretudo a partir da década de 1960 ao se colocar a frente do movimento anti-nuclear, Anders era conhecido por um marcado pessimismo crítico que o afastava um pouco do debate público, fazendo com que seus escritos ganhassem maior atenção somente a partir da década de 1990.<sup>41</sup>

No Brasil, Günther Anders é ainda um intelectual pouco lido devido a suas poucas obras traduzidas para o português. No entanto, se destacam as “Teses para a Era Atômica”, um conjunto de pequenos textos onde o autor se dedica com mais calma na análise sobre o fenômeno nuclear. O trabalho é dividido em 22 teses que são marcadas não só pelo significativo diagnóstico que o filósofo faz do período, mas também pela forma como aqueles problemas se mantêm atualíssimos até os nossos dias.

Em vista disso, buscaremos analisar as teses de Anders em duas partes. Primeiro, nos dedicaremos ao exame de um grupo pequeno de teses que dizem

---

<sup>40</sup> Ainda que em 1939, ano da morte de Freud, já se pudessem perceber evidências sobre o horizonte nuclear que se apresentava, essa era uma discussão ainda muito restrita aos teóricos da física, distantes da alçada do psicanalista. Os contatos com Albert Einstein se restringiram a questões mais intelectuais, mesmo que o físico já chamasse atenção para os perigos do desenvolvimento da física quântica em outras ocasiões. Para isso, Cf. Labatut (2022).

<sup>41</sup> Cf. <<https://marcuse.faculty.history.ucsb.edu/anders.htm#biog>> Acesso em 1 de maio de 2023.

respeito à impessoalidade existente no fenômeno nuclear, e se relacionam com os problemas da forma e da ilimitada capacidade de destruição da guerra moderna que vínhamos discutindo. Por conseguinte, voltaremos nossa atenção para as teses de maneira mais global, investigando suas aplicações práticas ao cenário de crise que se apresenta no final do último século e os problemas que ela evidencia acerca das temporalidades.

Antes, precisamos compreender a própria ideia de uma “Era Atômica”. A inauguração de novas divisões ao tempo-histórico sempre necessitou de anos de debate entre historiadores para que se chegasse a um consenso dessas marcações. O dicionário Michaelis define “Era” como “divisão do tempo (geralmente longo) que principia com um acontecimento marcante ou histórico e que dá origem a uma nova ordem de coisas”<sup>42</sup>, ou ainda “época da história que pode ser destacada por suas características e acontecimentos marcantes e inconfundíveis”.<sup>43</sup> Dessa forma, podemos notar através dessas definições linguísticas que o diagnóstico de Günther Anders acerca do tempo posterior ao fenômeno nuclear já identifica o tamanho do impacto que esse acontecimento causou nas bases epistemológicas de compreensão do mundo moderno.

A bomba nuclear como esse “acontecimento histórico que dá origem a uma nova ordem de coisas” indica como esse dispositivo se tornou um elemento central de sustentação das sociedades, que passam a se reorganizar através da ameaça constante que esse novo modelo de poder propicia. Assim sendo, a concepção dessa ameaça que não pode acabar se não pela catástrofe total é justamente a “marca inconfundível” desse tempo que se apresenta. Se antes a humanidade jamais tinha visto uma capacidade de mobilização e destruição tal qual a da Primeira Guerra, agora o próprio cientificismo da marcha do progresso transpareceu a falha completa de todas as suas pretensões. Nesse sentido, Freud observa que:

“Esperávamos, das nações de raça branca que dominam o mundo, às quais coube a condução do gênero humano, sabidamente empenhadas no cultivo de interesses mundiais, e cujas criações incluem tanto os progressos técnicos no domínio da natureza como os valores culturais artísticos e científicos, desses povos esperávamos que soubessem resolver por outras vias as desinteligências e os conflitos de interesses. No interior de cada uma dessas nações haviam se estabelecido elevadas

---

<sup>42</sup> ERA. In: **Michaelis**. (Online). São Paulo: Editora Melhoramentos, 2023. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/Era/>> Acesso em 4 de maio de 2023.

<sup>43</sup> Idem.

normas morais para o indivíduo, segundo as quais eles deviam conformar sua vida, se quisesse fazer parte da comunidade civilizada. Tais prescrições, frequentemente severas demais, exigiam muito dele, uma enorme restrição de si mesmo, uma larga renúncia da satisfação instintual. Sobretudo lhe era negado servir-se das extraordinárias vantagens proporcionadas pelo uso da mentira e da fraude, na competição com seus semelhantes. O Estado civilizado tinha essas regras morais como base de sua existência, intervindo seriamente quando se ousava atacá-las, e declarando amiúde ser impróprio até mesmo sujeitá-las ao exame da inteligência crítica.”<sup>44</sup>

O pacto civilizatório proposto pelas nações europeias buscou consolidar através de um ideal de polidez a supressão de todas as características humanas que se associassem a barbárie. No entanto, a impossibilidade de resolução dos conflitos por outro modo que não fosse o da violência, revelou a crescente estratégia de demonização dos inimigos. A tentativa de torná-los odiosos se intensificou, exteriorizando aqueles elementos reprimidos pela vida civilizada. É importante notar essa transição intrínseca da guerra moderna, na qual a capacidade de aplicação da maldade pelos indivíduos deixa de se restringir aos especialistas da guerra do século XVIII, e passa a estar presente nos cidadãos comuns que se integram ao processo de mobilização das guerras do XX.

Essa “democratização da guerra”<sup>45</sup>, atrelada ao desenvolvimento tecnológico da indústria armamentista, era um dos motivos que elevava o grau de barbárie visível na Segunda Guerra. Isso porque os indivíduos envolvidos no conflito deixavam de serem vistos como seres humanos, e se tornavam, na realidade, apenas estatísticas para um quadro de avaliação. A tecnologia alargava as distâncias entre as vítimas e os seus responsáveis, uma vez que esses sujeitos eram despersonalizados, e a sua destruição seria somente uma seqüela das ações decididas por aqueles que apertavam alguns botões.

Dessa forma, o processo de desumanização se justificava não só pelo estabelecimento de uma assimetria que inferiorizava os adversários, mas também por reconhecê-los apenas como números que faziam parte de um sistema muito maior. A perda de imparcialidade da ciência, já reconhecida por Freud, é resumida a produção desses novos dispositivos ausentes de sensibilidade cujo único propósito é a destruição do outro. Nesse sentido, a Era Atômica de Günther Anders é,

---

<sup>44</sup> FREUD, 2010b. p. 212.

<sup>45</sup> Cf. HOBSBAWN, op. cit. p. 56.

portanto, um tempo marcado por uma evolução ainda maior desses sintomas de democratização e impessoalidade inerentes à guerra.

Por sua vez, o dispositivo da bomba nuclear incorpora essas características nele próprio. O aparelho, dada sua capacidade de destruição incomensurável, também não distingue seus alvos. Todos são inimigos potenciais caso estejam dentro do raio de alcance da detonação, indiferentemente se fazem parte do círculo da guerra ou não. Além disso, existe ainda uma dificuldade de responsabilização à medida que os encarregados seja por apertar o botão, seja pelo lançamento, também são indivíduos englobados no universo das estatísticas que compõem o quadro da guerra.

Assim sendo, uma das teses de Anders afirma:

**“16. Fim do Comparativo:** Nossos produtos e seus efeitos ultrapassam não apenas a dimensão máxima do que somos capazes de visualizar ou sentir, mas até mesmo a dimensão do que somos capazes de *usar*. É de conhecimento geral que nossa produção e abastecimento geralmente excede nossa demanda e produz a necessidade da produção de novas necessidades e novas demandas. Mas isso não é tudo: hoje, chegamos à situação em que são fabricados produtos que simplesmente contradizem o próprio conceito de necessidade, produtos que simplesmente *não podem* ser necessitados, que são grandes demais em um sentido absoluto. Nesse estágio, nossos próprios produtos estão sendo domesticados como se fossem forças da natureza. Os esforços atuais de produzir as assim chamadas “armas limpas” são tentativas de um tipo singular: pois o que o homem agora está tentando fazer é aumentar a qualidade de seus produtos por meio da diminuição de seus efeitos. Se o número e a possível utilização do estoque de armas já existente bastam para alcançar o absurdo objetivo de aniquilação da humanidade, então o crescimento na produção hoje é ainda mais absurdo e prova que os produtores não compreendem, em absoluto, o que eles estão de fato fazendo. O comparativo, o princípio do progresso e da competição, perdeu o seu sentido. *A morte é a linha limítrofe do comparativo: não se pode estar mais morto do que morto e não se pode tornar alguém mais morto do que morto.*”<sup>46</sup>

O filósofo indica logo no início dessa passagem que além do fato desses dispositivos, como avaliamos, aumentarem o grau de impessoalidade da guerra, existe ainda uma incapacidade de uso dos mesmos, visto que a sua capacidade de destruição é maior do que a demanda do que “pode” ser destruído. Existe aqui uma relação entre a produção da máquina de guerra às produções do mundo capitalista

---

<sup>46</sup> ANDERS, Günther. “Teses para a era atômica”. Tradução de Alexandre Nodari e Déborah Danowski. In: **Sopro** 87 [online], Abril 2013, Ed. Cultura e Barbárie. Disponível em: <<http://culturaebarbarie.org/sopro/outros/anders.html>> Acesso em: 24 de maio de 2023.

que procura estabelecer graus de similaridade entre os produtos, como se as armas não se diferenciavam de quaisquer outros artigos comuns à vida cotidiana. No entanto, ao lidarmos com a criação de novas demandas, não estamos falando aqui de necessidades atreladas ao dia-a-dia dos cidadãos comuns, mas sim da destruição massiva de outras vidas humanas.

Esse processo de “despersonalização” dos equipamentos da guerra é um modo de justificação para os efeitos do uso desses armamentos, uma vez que o poder desses dispositivos ultrapassa nossa capacidade de imaginação. A utilização da bomba nuclear, por exemplo, deixa de se colocar como uma necessidade operacional – de todo modo injustificável – e passa a existir somente como uma demonstração de poder, que visa a resolução dos conflitos e a subjugação do outro por meio da intimidação.<sup>47</sup> Isso ocorre justamente porque “a morte é a linha limítrofe”<sup>48</sup> e a utilização de toda nossa capacidade nuclear significaria também nossa aniquilação total. Não existe mais competição acerca do maior poderio de destruição porque a destruição de um significaria a destruição de todos.

Com isso, nos colocamos diante de outro problema que aparece em duas teses de Anders que se complementam e falam sobre esse processo de despersonalização.

*“20. Não Reificação, e sim Pseudo-Personalização: Não se pode interpretar adequadamente o fenômeno aplicando-lhe a etiqueta marxiana da “reificação”, pois esse termo designa exclusivamente o fato de que o homem está reduzido a uma função-coisa. Contudo, estamos ressaltando o fato de que as qualidades e funções retiradas do homem por meio de sua reificação estão agora se tornando qualidades e funções dos próprios produtos, de que eles se transformam em pseudo-pessoas, já que, pela sua mera existência, estão agindo. Este segundo fenômeno tem sido ignorado pela filosofia, embora seja impossível entender nossa situação sem ver ambos os lados do processo simultaneamente.”*<sup>49</sup>

No olhar do filósofo, o desenrolar desses processos de impessoalidade e despersonalização acaba por embaralhar a forma como observamos os objetos e os indivíduos. Ocorre aqui uma mistura entre os homens e os dispositivos que não nos permitem distinguir suas funções e suas responsabilidades. Os sujeitos, reduzidos a

---

<sup>47</sup> Tratamos anteriormente dessa questão da intimidação já constatada por Hannah Arendt. No entanto, a filósofa pressupõe que o aumento da intimidação serviria como garantia de paz, uma vez que os indivíduos no poder não utilizariam esses dispositivos concretamente. Essa garantia não seria possível na Era Atômica de Günther Anders, como veremos posteriormente.

<sup>48</sup> Ibid., Tese 16. (online).

<sup>49</sup> Ibid., Tese 20. (online).

estatísticas, são vistos como mais um aparelho a ser usado, e os dispositivos tomam características que são intrínsecas às figuras humanas. Dessa forma, se apresenta um sintoma de hibridismo entre homem e máquina que reconfiguram o cenário da guerra e se distinguem do arquétipo que a Modernidade se esforçou para caracterizar os homens de seu tempo. Isso porque esses produtos que se tornaram “pseudo-pessoas” não seguem os princípios dos humanos, como aponta Anders:

**21. As Máximas das Pseudo-Pessoas:** Estas pseudo-pessoas possuem seus próprios princípios rígidos. O princípio das “armas atômicas”, por exemplo, é puro niilismo, porque, se elas pudessem falar, diriam: “Seja o que for que destruimos, dá no mesmo para nós”. Nelas, o niilismo atingiu seu ápice e se tornou puro “Ani(qu)ilismo” (“Annihilism”). Na medida em que a ação se deslocou do homem para o trabalho e para os produtos, o nosso exame de consciência hoje não pode se restringir a ouvir a voz de nosso coração. É de longe muito mais importante ouvir a muda voz de nossos produtos de modo a conhecer seus princípios e máximas – em outras palavras, o “deslocamento” deve ser revertido e revogado. Portanto, o imperativo de hoje é: tenha e use apenas aquelas coisas cujas máximas inerentes possam se tornar as tuas próprias máximas e, portanto, as máximas de uma lei geral.”<sup>50</sup>

Esse hibridismo pode ser visto como contrário àqueles princípios da Modernidade que investigamos anteriormente, uma vez que os processos de modernização pressupunham um domínio do homem sobre a natureza e suas criações. Por esse ângulo, à medida que os dispositivos passam reinar sobre os limites da consciência dos sujeitos e passou a determinar as ações que seriam tomadas, o projeto moderno teve seu fim decretado. Essas novas características encontradas especificamente nessa nova “Era” inaugurada pelo fenômeno nuclear não podem ser englobadas no universo da Modernidade – visto que suas premissas são radicalmente opostas.

A segunda metade do último século fora marcada substancialmente pelas catástrofes geradas com o surgimento das armas nucleares. Na década de 1950, o planeta passou a ser dividido em blocos que buscaram controlar o imaginário sociopolítico do período e também as políticas que seriam implementadas no futuro. A tensão gerada pela Guerra Fria afastava a população mundial da memória nuclear, produzindo um descolamento das sociedades com o passado que não era restrito somente ao plano intelectual.

---

<sup>50</sup> Ibid., Tese 21. (online).

O pós-guerra demonstrava pela primeira vez uma situação de emergência global, uma falência das estruturas epistemológicas que delimitavam a malha da realidade social dos grupos humanos e evidenciava a necessidade de novas sistematizações, uma vez que a Modernidade não dava mais conta desse novo tempo. Nesse sentido, a complexidade dos fenômenos que sucederam as guerras mundiais era tamanha que fez emergir a demanda por novos sistemas intelectuais que dessem conta de abarcar a dimensão global do planeta e da espécie humana.

Ainda que em alguns momentos do final do último século – como no fim da década de 80, marcada pela queda do Muro de Berlim e, conseqüentemente, da vitória do projeto ocidental capitalista sobre o socialismo soviético – o propósito do progresso iluminista parecesse estar retornando à cena, esse novo momento, ainda não conceitualmente bem definido, evidencia a incapacidade do conceito de Modernidade de abarcar esses novos fenômenos. O pós-modernismo, todavia, ainda se coloca como uma expressão vaga para determinar espacialmente e temporalmente as idiosincrasias do período que sucedeu o fim da Segunda Guerra.

Nesse sentido, mesmo que o adjetivo “moderno” seja demasiadamente polissêmico, a maioria de suas definições – senão todas – apontam para uma passagem do tempo, um estágio temporal que supera o seu anterior através de uma ruptura com um passado julgado como arcaico, estável, e que deve ser substancialmente superado.<sup>51</sup> Essa relação de superação provoca um dualismo que coloca de um lado um grupo que se julga vencedor e que, proporcionalmente, pressupõe a existência de outro apontado como perdedor.

Dessa forma, é possível notar uma dupla assimetria dessa nova ideia de Modernidade que se situa entre uma ruptura na passagem regular do tempo e um combate entre “vencedores e vencidos”. Isso aparece em Bruno Latour, por exemplo, quando o filósofo aponta que:

“[...] a palavra ‘moderno’ designa dois conjuntos de práticas totalmente diferentes que, para permanecerem eficazes, devem permanecer distintas, mas que recentemente deixaram de sê-lo. O primeiro conjunto de práticas cria, por ‘tradução’, misturas entre gêneros de seres completamente novos, híbridos de natureza e cultura. O segundo cria, por “purificação”, duas zonas ontológicas inteiramente distintas, a dos humanos, de um lado, e a dos não-humanos, de outro. Sem o primeiro conjunto, as práticas de purificação seriam vazias ou supérfluas. Sem o

---

<sup>51</sup> LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994. p. 15.

segundo, o trabalho da tradução seria freado, limitado ou mesmo interdito. [...] O primeiro, por exemplo, conectaria uma cadeia contínua a química da alta atmosfera, as estratégias científicas e industriais, as preocupações dos chefes de Estado, as angústias dos ecologistas; o segundo estabeleceria uma partição entre um mundo natural que sempre esteve aqui, uma sociedade com interesses e questões previsíveis e estáveis, e um discurso independente tanto da referência quanto da sociedade.”<sup>52</sup>

É nesse dualismo entre a necessidade de se criar novas categorias para dar conta das multiplicidades temporais<sup>53</sup> que emergem no fim do último século, e a crise existente no campo intelectual, que se localiza esse novo sintoma da Modernidade.

No entanto, ao notarmos que esse conceito pode ainda não ser suficiente para dar conta desses problemas, que forma então teria o trabalho intelectual, sobretudo no campo da História, de solucionar esse problema da marcação temporal e da conceituação adequada dessa época que estamos aqui discutindo? Se o conceito linguístico chave para determinar um “novo tempo” e os métodos científicos do período mostram-se incapazes de dar conta dessa tarefa, uma das poucas – se não a única – hipótese que se apresenta é a de que, talvez, essa Modernidade nunca tenha existido. Ao menos não dentro dos parâmetros estabelecidos por aqueles que determinaram que assim esses tempos seriam chamados.

Assim sendo, a percepção de que não há forma de promover uma ruptura através de “um tempo que passaria irreversivelmente e que anularia, atrás de si, todo o passado”<sup>54</sup> e, desse modo, as diferenças entre nós e outros grupos sociais são apenas sucintas, mesmo aqueles colocados anteriormente nas margens desse mundo moderno, nos fazem abrir espaço para analisar a globalidade dos grupos humanos de maneira mais interligada. Tanto o Ocidente quanto o Oriente fazem parte dessa nova estrutura socio-temporal que entende a humanidade como um ser mais homogêneo dentro das heterocronias que transformam as relações entre o passado, o presente e o futuro no final do último milênio.

Portanto, para compreender esse fenômeno não podemos continuar utilizando o quadro temporal dos modernos, e para isso recorreremos novamente a Latour:

“O tempo que o calendário marca situa claramente os acontecimentos em relação a uma série regular de datas, mas a historicidade situa os mesmos acontecimentos em relação a sua intensidade. [...] A passagem moderna do tempo nada mais é do

<sup>52</sup> Ibid., p. 16.

<sup>53</sup> Da natureza, da cultura, do progresso, da tecnologia, do próprio calendário e etc.

<sup>54</sup> LATOUR, op. cit. p. 51.

que uma forma particular de historicidade. De onde nos vem a ideia de um tempo que passa? [...] A Antropologia está aí para nos lembrar de que a passagem do tempo pode ser interpretada de diversas formas, como ciclo ou como decadência, como queda ou como instabilidade, como retorno ou como presença continuada. Chamemos de temporalidade a interpretação dessa passagem, de forma a distingui-la claramente do tempo. Os modernos têm a particularidade de compreender o tempo que passa como se ele realmente abolisse o passado antes dele. [...] Não se sentem distantes da Idade Média por alguns séculos, mas separados dela por revoluções copernicanas, cortes epistemológicos, rupturas epistêmicas que são tão radicais que não sobrou nada mais deste passado dentro deles – que nada mais deste passado deve sobreviver neles.”<sup>55</sup>

À vista disso, podemos notar que a ideia de progresso, proposta nos Iluminismos europeus, onde o tempo desse progresso seria uma flecha irreversível em direção ao futuro, eliminando todo e qualquer vestígio do passado, enfrenta agora o problema das multiplicidades temporais que amplificam as incongruências epistêmicas dos fenômenos modernos.

Enquanto os sujeitos daquela Modernidade que nunca fora plenamente alcançada buscavam construir conceitos universais que abarcassem os desejos, por vezes irrealistas, da marcha do progresso, esbarravam na própria acumulação temporal que julgavam ter deixado no passado. Os modernos acumulam proporcionalmente tudo aquilo que destroem, e os sujeitos que estão no bojo da experiência socio-temporal do fim do último século não condizem mais com a imagem do sujeito formulada pelos iluministas. Eles são híbridos, figuras de um cronótopo inédito no curso da História e que, inevitavelmente, reformularão completamente as bases conceituais das próprias temporalidades.

---

<sup>55</sup> Ibid., p. 67-68.

### 3. Castelos e Ruínas.

#### 3.1. Supressão.

Em 26 de maio de 1940 as forças armadas britânicas iniciaram o processo de evacuação dos mais de 300.000 (trezentos mil) soldados aliados que se encontravam encurralados nas praias da região de Dunquerque, no norte da França, naquela que ficou conhecida como Operação Dínamo – ou o Milagre de Dunquerque. Parece interessante pensar na própria nomenclatura que se cunhou para a operação: *Dínamo*. Um dínamo é um aparelho capaz de gerar energia elétrica através de um processo de indução eletromagnética, ou seja, um dispositivo autônomo. Diferentemente da maioria das nomenclaturas utilizadas nas batalhas e operações da Segunda Guerra Mundial, que geralmente relacionavam seus títulos com os locais onde ocorreram ou seus personagens principais, justamente a maior manobra de resgate de soldados do período levou o nome de um dispositivo.

A operação realmente pareceu servir como uma energização para os Aliados, que conseguiram permanecer resistindo à ofensiva alemã nos anos seguintes da guerra. Contudo, mais interessante do que a coincidência do nome e o efeito que o impressionante resgate nas praias de Dunquerque causou, foi o discurso do então Primeiro-Ministro do Reino Unido, Winston Churchill, após a conclusão da operação. Apesar da reconhecida dificuldade da fala do estadista britânico, os discursos acabavam sempre emblemáticos e as frases de efeito são marca das arguições do político. Ao final de uma longa fala diante do parlamento britânico, sempre ressaltando as dificuldades da guerra e a importância da coalizão aliada, Churchill expõe alguns pensamentos que chamam atenção para pontos que já vínhamos discutindo nesse trabalho.

Primeiro, Churchill chama atenção para a ideia da mobilização. Convocando todos os cidadãos ingleses para manutenção da máquina da guerra, o político reafirma a responsabilidade de cada um para que a Inglaterra consiga sobreviver à ameaça nazista. Cabe dizer ainda que essa fala de Churchill acontece nos primeiros anos da Segunda Guerra Mundial e, por isso, devemos levar em consideração que nem todos os cidadãos encontram-se plenamente envolvidos no conflito. Isso acaba melhor exposto em outro ponto importante do fim do discurso do veterano, quando ele traça uma relação estreita entre a coroa, o povo britânico e

a República francesa, mostrando a possibilidade de percebermos, já nos anos 40, que o fenômeno da guerra atingia um patamar tão elevado no qual quaisquer tipos de divergências anteriores poderiam ser deixados de lado em nome de um bem maior.<sup>56</sup>

Entretanto, é ainda um outro aspecto do discurso de Churchill que gostaria de destacar, que aparece justamente nas últimas palavras do britânico:

[...] We shall go on to the end, we shall fight in France, we shall fight on the seas and oceans, we shall fight with growing confidence and growing strength in the air, we shall defend our Island, whatever the cost may be, we shall fight on the beaches, we shall fight on the landing grounds, we shall fight in the fields and in the streets, we shall fight in the hills; we shall never surrender, and even if, which I do not for a moment believe, this Island or a large part of it were subjugated and starving, then our Empire beyond the seas, armed and guarded by the British Fleet, would carry on the struggle, until, in God's good time, the New World, with all its power and might, steps forth to the rescue and the liberation of the old.<sup>57</sup>

Além desse ser o momento do discurso onde Churchill comprova a autenticidade do caráter emblemático presente na sua linguagem, é também o lugar onde ele expõe o traço característico dessa guerra que se apresentava, ao transmitir a multiplicidade de cenários possíveis de conflito aos quais ele – como representante do povo britânico – estava disposto a se envolver.

O diagnóstico de Churchill sobre essa capacidade ilimitada de cenários se provaria correta no futuro. No entanto, o problema real no discurso do premier reside ainda em uma certa ingenuidade sobre o horizonte que se apresentava, à medida que o aspecto religioso da crença na vitória ou na salvação se reduzia à capacidade de resistência dos combatentes da ilha britânica – ou ainda na bondade da salvação pelo “Novo Mundo”. Vejam bem, essas últimas palavras caracterizam uma imagem construída dos Estados Unidos como a fronteira final para a salvação, na qual através do “bom tempo de Deus”, os norte-americanos surgiriam do alto de seu poderio para resgatar seus antigos compatriotas, como um envio profético.

Essa relação nos permite perceber duas coisas que derivam uma da outra. A primeira, diz respeito a uma dualidade temporal entre o tempo da guerra e o tempo da salvação. No retrato de Churchill, somente depois de lutar em todos os cenários

---

<sup>56</sup> CHURCHILL, Winston. “We shall fight on the beaches”. In: **Hansard**, Londres: UK Parliament, 4 de junho de 1940. serie 5, v. 36, p. 795. Disponível em <<https://www.parliament.uk/about/living-heritage/transformingsociety/private-lives/yourcountry/collections/churchillexhibition/churchill-the-orator/fight-on-the-beaches/>> Acesso em 30 de julho de 2023.

<sup>57</sup> Idem.

possíveis e “independente do que custar”, a benevolência da salvação chegaria, em um tempo no qual ele não poderia descrever com exatidão, uma vez que estaria ligado a uma força superior. Dessa forma, a outra questão, que deriva desta primeira, se encontra na projeção do “Novo Mundo” – ou melhor dizendo, dos americanos – como esse ser que através de “toda sua força e poder” estaria acima de qualquer cenário da guerra, aguardando apenas o momento oportuno para entrar em ação.

Isto posto, é através dessa visão, do então primeiro-ministro britânico Winston Churchill, sobre as possibilidades de futuro da guerra, que gostaria de iniciar nossas discussões. Levando em consideração nossas duas últimas observações, deixemos de lado a princípio o problema do tempo. Ao tomarmos nota da forma pela qual o poderio americano aparece no imaginário da época, é razoável supor que, àquela altura, de fato haveria uma incapacidade de se imaginar os acontecimentos dos anos seguintes. Ainda que no final de 1939 já surgissem os primeiros alertas acerca do possível desenvolvimento de armas nucleares<sup>58</sup>, esse não era um momento onde se poderia mensurar o potencial destrutivo desse tipo de dispositivo no futuro, uma vez que as discussões residiam apenas no campo das ideias.

Portanto, há de se considerar que o maior inimigo presente naquele momento realmente seria o avanço do regime nazista que, por sua vez, também já dava seus primeiros passos na pesquisa nuclear através do *Uranverein*. Dessa forma, o início da década de 1940 marca a abertura da corrida atômica, com dois potenciais candidatos capazes de projetar diferentes expectativas para o futuro. Enquanto o projeto nuclear alemão era visto – com razão – como um potencial destruidor propenso a um extermínio sem precedentes, no qual os objetivos do Reich seriam plenamente alcançados, o Projeto Manhattan, por sua vez, partia do pretexto de evitar que os nazistas dispusessem de um armamento tão poderoso antes dos americanos. Atrelado a isso, àquela imagem de Churchill completa um quadro no qual o crescente poderio bélico dos Estados Unidos não parecia ser considerado

---

<sup>58</sup> Cf. Carta de Albert Einstein para o presidente Franklin D. Roosevelt. 2 de agosto de 1939.

Disponível em

<<https://www.fdrlibrary.org/documents/356632/390886/document007.pdf/3483329d-7b68-442d-953d-eb91e0c5c9b1>> Acesso em 1 de agosto de 2023.

uma ameaça, uma vez que era justificado em favor da democracia e da liberdade e, dessa forma, um mal necessário para o combate à ameaça totalitária.

### 1. Uma consideração metodológica

Em outro momento deste trabalho, buscamos dedicar maior atenção as transformações mais gerais entre os diferentes modelos de guerra ao longo do tempo, dando luz às alterações mais substanciais que ocorreram a partir do fenômeno da Primeira Guerra, no início do século XX. Apesar de também já ter reconhecido aqui a diferença entre a capacidade destrutiva do primeiro para o segundo grande conflito do século passado, gostaria de retomar essa discussão tendo em vista o desenvolvimento das armas nucleares, uma vez que esses dispositivos alteram radicalmente o modo e os limites desse novo fenômeno da guerra.

A descoberta do potencial atômico e a corrida pela elaboração da bomba recomeça uma discussão sobre o tempo. O que está em jogo para os programas nucleares deixa de ser somente a vitória, mas se torna também o controle sobre o futuro, à medida que o triunfo de um lado ou do outro resultaria em diferentes possibilidades de destino para humanidade como um todo. Nesse sentido, essa seria uma transformação central no propósito da guerra, dado que as disputas agora entrecruzam diferentes temporalidades. Essa heterogeneidade do tempo da guerra, por sua vez, complexifica ainda mais o entendimento de um fenômeno desse tamanho, principalmente pela dificuldade na delimitação dos limites entre essas múltiplas camadas temporais.

No entanto, para melhor compreensão desse sintoma, seria necessário antes fazermos uma consideração metodológica. Não há, ao menos não reconhecidamente no campo da História, uma forma de se analisar um evento desamarrado do seu tempo. A formação linguística e conceitual, sobre a qual já discutimos aqui anteriormente a partir da ideia de Modernidade, é fator fundamental para a compreensão de qualquer acontecimento, uma vez que não há possibilidade de atribuir sentido a uma determinada coisa sem antes apreender seu significado. Isso fica mais claro, por exemplo, quando tomamos como referência o conceito de “democracia”, à medida que se tornaria uma tarefa inconcebível apontar que um Estado seria ou não democrático sem retornarmos ao conceito original. Dessa

forma, quaisquer reflexões sobre fatos históricos implicam no estabelecimento de uma conexão indispensável com os conceitos, que evidenciam, por sua vez, a necessidade de se delimitar com mais cuidado quais conceitos são esses.

Sem essa forma de operar, segundo Koselleck, seria impossível conceber um tratamento científico à disciplina histórica, devido a indispensabilidade de se precisar com exatidão quais são as categorias de expressão nas quais os tempos históricos se manifestavam. Essa necessidade se impõe em razão da própria práxis historiográfica, uma vez que, ao vasculhar o passado, historiadores se defrontam com inúmeros vestígios que são traduzidos em fontes responsáveis pela construção do próprio saber histórico.<sup>59</sup> No entanto, essa atividade ocorre em dois planos. Uma primeira forma de análise parte de fatos já apreendidos linguisticamente, ou seja, de uma investigação na qual o arcabouço linguístico mobilizado já é reconhecido. Isso ocorre, por exemplo, com o conceito de “república”, que pode ser observado tanto durante o processo da Revolução Francesa, quanto na contemporaneidade.<sup>60</sup>

Por outro lado, para além de lidarmos com esses “conceitos tradicionais”, existe a possibilidade de se trabalhar com conceitos formulados posteriormente, que não necessariamente aparecem na linguagem das fontes, mas que podem ser articulados. Um exemplo possível seria o próprio conceito de “genocídio”, que apesar da possibilidade de identifica-lo em inúmeros momentos ao longo do tempo, só foi estruturado linguisticamente em 1944, após os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial.<sup>61</sup> Assim sendo, a compreensão de ambas as formas de estruturação linguística serve como uma ferramenta para a construção de um conhecimento histórico cada vez mais sólido, visto que o domínio sobre essas redes conceituais possibilitaria o alcance de camadas cada vez mais profundas de interpretação sobre determinados fatos, e até a descoberta de novas possibilidades que residiam no interior das fontes.

Ademais, para além da análise conceitual, outra possibilidade de leitura se encontra na utilização de categorias, que por sua vez se diferem dos conceitos na sua utilização. Enquanto as estruturas conceituais procuram designar determinadas

---

<sup>59</sup> KOSELLECK, Reinhart. “Espaço de experiência e Horizonte de Expectativa: duas categorias históricas” In: **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Contraponto, 2006. p.305.

<sup>60</sup> Não obstante, é preciso deixar claro aqui que reconhecemos aqui o caráter polissêmico desse tipo de conceito e suas variadas camadas de interpretação ao longo do tempo, a fim de esclarecer que apenas utilizamos em linhas mais gerais, procurando facilitar a compreensão do argumento.

<sup>61</sup> Cf. BOBBIO (2004).

realidades históricas, as categorias não se encontram na linguagem das fontes e, portanto, não podem servir como indicativos empíricos dessas realidades. Elas servem como mecanismos para construção de histórias possíveis, atingindo e complexificando a compreensão do conhecimento histórico através da formulação de novas possibilidades de interpretação que antes não eram reconhecidas.

Quando lidamos com o problema do tempo, como no caso da disputa temporal que se coloca em jogo durante o desenvolvimento das armas nucleares, conforme apontamos anteriormente, duas categorias já bastante conhecidas no campo da teoria da história se mostram de grande valor. Recorrendo novamente à Koselleck, “espaços de experiências” e “horizontes de expectativas” são termos fundamentais para a compreensão das relações temporais que se encontram no bojo das discussões presentes durante o desenrolar da guerra.

Diferentemente dos conceitos mais tradicionais, essas duas categorias apontam para observações mais amplas, equivalendo a espaços e tempos não essencialmente bem definidos.<sup>62</sup> É indispensável, no entanto, levarmos em consideração que a aplicabilidade dessas expressões não pode ser realizada de maneira singular – uma separada da outra – uma vez que apesar da distinção semântica entre as duas, “não há expectativa sem experiência, [e] não há experiência sem expectativa”.<sup>63</sup> Para Koselleck, essas categorias servem para o tempo-histórico à medida que entrelaçam o passado e o futuro, revelando a própria existência desse tempo e legitimando a impossibilidade de uma história ser imaginada sem esses termos. Diz o autor:

“As condições da possibilidade da história real são, ao mesmo tempo, as condições do seu conhecimento. Esperança e recordação, ou mais genericamente, expectativa e experiência – pois a expectativa abarca mais que a esperança, e a experiência é mais profunda que a recordação – são constitutivas, ao mesmo tempo, da história e de seu conhecimento, e certamente o fazem mostrando e produzindo a relação interna entre passado e futuro, hoje e amanhã.”<sup>64</sup>

<sup>62</sup> A diferenciação entre conceitos e categorias é um tanto mais complexa na argumentação koselleckiana, uma vez que há a necessidade de uma análise linguística mais aprofundada para distinguir uns e outros. O historiador alemão se utiliza ainda de outras expressões como “Reforma” e “acordo de Potsdam” para exemplificar a diferença das categorias, mas essa é uma discussão que se estenderia para além do espaço deste trabalho, devido a complexidade e a inevitabilidade de se dialogar com outros campos, como a metaforologia e a linguística, para que se possa estabelecer com mais precisão as aproximações e as diferenças entre conceitos, categorias, ideias e metáforas. Para melhor compreensão da diferença entre conceitos e categorias, Cf. KOSELLECK, op. Cit. (2006) pp. 306-309; e para o debate com a metaforologia, Cf. BLUMENBERG (1990) e (2010).

<sup>63</sup> KOSELLECK, 2006, p. 307.

<sup>64</sup> Ibid., p. 308.

Desse ponto de vista, é no limiar dessa tensão entre experiência e expectativa que reside o conhecimento histórico. O termo experiência, por sua vez, designa um “passado atual”, no qual os acontecimentos podem ainda ser lembrados. Nesse sentido, ele atribui significado a uma relação entre o linguístico, à medida que esse passado é expressado, e o metalinguístico, uma vez que carrega um grau de experimentação que está para além da capacidade de abstração da própria língua. Assim sendo, a História seria esse conhecimento obtido das experiências alheias, responsáveis pela produção das expectativas acerca do futuro que acabam, em certa medida, orientando as ações no próprio presente.

Por outro lado, essa noção de expectativa não diz respeito a um outro tempo, é uma expectativa que se realiza no hoje, um “futuro presente” que se caracteriza pela sua incapacidade de experimentação no momento, e que, portanto, pode ser apenas previsto. Essas categorias não são como conceitos simétricos complementares, somente se relacionam e coordenam o passado e o futuro para a construção e a interpretação do conhecimento histórico. Assim como existe a impossibilidade de se coincidir completamente o futuro e o passado, experiência e expectativa também não chegam a se embaraçar completamente, uma vez que as expectativas não podem ser deduzidas totalmente da experiência. Mesmo que essa expectativa se torne experiência no futuro, essa experiência futura se decompõe em uma infinidade de momentos temporais que tornam impossível uma dedução completa do futuro a partir do passado.

Isso fica mais claro no trecho abaixo:

“Tem sentido se dizer que a experiência proveniente do passado é espacial, porque ela se aglomera para formar um todo em que muitos estratos de tempos anteriores estão simultaneamente presentes, sem que haja referência a um antes e um depois. Não existe uma experiência cronologicamente mensurável — embora possa ser datada conforme aquilo que lhe deu origem —, porque a cada momento ela é composta de tudo o que se pode recordar da própria vida ou da vida de outros. Cronologicamente, toda experiência salta por cima dos tempos, ela não cria continuidade no sentido de uma elaboração aditiva do passado.”<sup>65</sup>

Do mesmo modo que a experiência remete ao espaço, quando falamos do tempo também utilizamos de metáforas espaciais. A maneira mais clássica, ao menos no campo da História, sempre se refere ao tempo como uma *linha*, que dotada de uma cronologia acumula sucessivamente os acontecimentos do passado ao futuro. Tal

---

<sup>65</sup> Ibid., p. 311.

como discutimos no conceito de Modernidade anteriormente, o que aparece aqui também no argumento koselleckiano é que essas experiências se entrecruzam, formam simultaneidades que acumulam diferentes camadas temporais, e não se reduzem meramente a um ponto fixo no tempo que pode ser consultado a qualquer momento à luz do presente. Ele age no presente e o tempo-presente também é fator de influência, como uma via de mão dupla. Nesse sentido, é por isso que a experiência “salta por cima dos tempos”, uma vez que ela pode ou não ser evocada, mas ainda assim não deixa de existir, bastando apenas ser articulada linguisticamente.

Por outro lado, ao lidar com horizonte de expectativas, também recorreremos a uma metáfora espacial, do horizonte como um lugar a ser preenchido por uma nova experiência, mas que ainda não pode ser experimentado, apenas existe no campo de possibilidades a partir da observação. Vejam bem:

“[...] o que se espera para o futuro está claramente limitado de uma forma diferente do que o que foi experimentado no passado. As expectativas podem ser revistas, as experiências feitas são recolhidas. Das experiências se pode esperar hoje que elas se repitam e sejam confirmadas no futuro. Mas uma expectativa não pode ser experimentada de igual forma. [...] O que distingue a experiência é o haver elaborado acontecimentos passados, é o poder torná-los presentes, o estar saturada de realidade, o incluir em seu próprio comportamento as possibilidades realizadas ou falhas.”<sup>66</sup>

Dessa forma, podemos notar uma diferença fundamental entre as duas categorias. Mesmo que as experiências não sejam imutáveis, e novas elaborações linguísticas possam dar conta de outras experiências ainda não observadas a priori, as expectativas, por sua vez, se colocam como substancialmente voláteis, podendo se modificar de acordo com as necessidades decorrentes tanto das revisitas às experiências, quanto das novas camadas que se acumulam ao longo do tempo. Por suposto, é por essa medida que as expectativas “não podem ser experimentadas igualmente”, porque ainda que elas se reflitam na consciência das ações no presente, elas não são objetos de experiência, não contém arcabouço empírico suficiente para se solidificar como absoluta.

Nesse sentido, cabe ressaltar novamente que essas categorias não são antitéticas, mas somente assimétricas, para usarmos aqui os termos do próprio Koselleck. Essa assimetria ocorre por meio da tensão no presente que ora concentra

---

<sup>66</sup> Ibid., p. 311-312.

mais experiência, ora concentra mais expectativa. Dessa forma, essa diferença de quantidade expõe o fato de que uma não pode ser necessariamente transformada na outra, ainda que o resultado no futuro seja inegavelmente fruto da experiência pregressa. Vejamos:

“[...] Estamos diante de uma aporia que só pode ser resolvida com o passar do tempo. Assim, a diferença entre as duas categorias nos remete a uma característica estrutural da história. Na história sempre ocorre um pouco mais ou um pouco menos do que está contido nas premissas. Este resultado nada tem de surpreendente. Sempre as coisas podem acontecer diferentemente do que se espera: esta é apenas uma formulação subjetiva daquele resultado objetivo, de que o futuro histórico nunca é o resultado puro e simples do passado histórico. Mas — é necessário que se diga — também pode ser diferente da experiência adquirida. Seja porque a experiência contém recordações errôneas, que podem ser corrigidas, seja porque novas experiências abrem perspectivas diferentes. Aprendemos com o tempo, reunimos novas experiências. Portanto, também as experiências já adquiridas podem modificar-se com o tempo.”<sup>67</sup>

Assim sendo, podemos levar em consideração que essas experiências se superpõem, misturam umas nas outras e permitem a elaboração de novas perspectivas que retroagem, abrem brechas e se modificam, resultando dessa maneira no surgimento do tempo-histórico. Por essa perspectiva, espaço de experiência e horizonte de expectativas são metáforas temporais porque assim como o passado não pode existir sem o futuro, a experiência não pode existir sem expectativa.

Entretanto, essa dualidade da existência dessas categorias não pode supor uma impossibilidade de que novos acontecimentos entrem em cena e modifiquem as esperanças para o futuro. Vejam bem, se partirmos do pressuposto de que as expectativas são totalmente orientadas pelas experiências, estaríamos suprimindo a eventualidade de fenômenos inesperados a um tempo unívoco e imutável, o que seria uma ideia contrária a própria sustentação dessas categorias. Tanto uma quanto a outra necessita justamente da manutenção de uma multiplicidade de possibilidades que, por sua vez, influem em temporalidades múltiplas. Acontecimentos repentinos são parte da criação de novas experiências, responsáveis pelo rompimento do horizonte de expectativas e reorganizando o passado e o futuro de uma maneira nova, uma vez que outra camada de experiência

---

<sup>67</sup> Ibid., p.312.

é introduzida ao quadro temporal.<sup>68</sup>

Portanto, o espaço de experiência nunca chega a determinar completamente o horizonte de expectativas, visto que essa relação não é estática. A diferença entre as duas categorias se estabelece em uma diferença temporal no presente, entrelaçando o passado e o futuro de maneira assimétrica e indicando a possibilidade de que as estruturas temporais sejam modificáveis, heterogêneas e não normativas. Assim sendo, após essa tentativa de apresentar uma metodologia possível para analisar os fenômenos históricos, precisamos verificar sua utilidade para nossas discussões sobre o contexto que se apresenta no fim da Segunda Guerra, visando compreender com maior profundidade a forma pela qual esse tempo se configura.

## 2. Sobre a aplicabilidade das categorias de espaço de experiência e horizonte de expectativa para uma análise da Era Atômica.

Como vínhamos discutindo anteriormente, aparece no discurso do premier Winston Churchill uma imagem do que ele espera para o futuro naquelas circunstâncias, algo que agora podemos chamar, com mais propriedade, de um horizonte de expectativas. Em dado momento, se manifesta também na fala do político uma esperança de que, numa piora do quadro, o “novo mundo”, na pessoa dos Estados Unidos, apareceria para resgatar o velho continente da ameaça nazista através de seu poderio.<sup>69</sup> À vista disso, iniciamos uma discussão sobre o desenvolvimento das armas nucleares que gostaria de retomar, avançando principalmente no que diz respeito ao impacto temporal que a utilização desses dispositivos provoca nas temporalidades pós agosto de 1945. Para isso,

---

<sup>68</sup> Essa relação de orientação da experiência para a expectativa é melhor elaborada em Koselleck na discussão acerca do que ele vai chamar de “prognóstico”, como um termo que designa a possibilidade de uma “previsão” do futuro a partir de um diagnóstico (pela experiência). Para melhor compreensão, Cf. KOSELLECK (2006), caps. 4 e 14.

<sup>69</sup> Esse discurso serve como um ótimo exemplo para a possibilidade de articulação entre as categorias que Koselleck apresenta, à medida que nele, a partir do presente, Churchill evoca dados da experiência e evidencia como as possibilidades de futuro não são únicas. Vale lembrar que nas palavras do primeiro-ministro uma das possibilidades seria a resistência por parte dos britânicos, e outra seria a salvação pelos americanos. O discurso contém todos os atributos necessários para uma análise a partir da metodologia koselleckiana, uma vez que articula conceitos residentes do seu próprio tempo, e as categorias posteriores que podem conceber novas leituras a partir da fala de Churchill. No entanto, o espaço deste trabalho não permite uma discussão mais aprofundada desse registro, visto que o foco se encontra no fenômeno nuclear que não aparece no horizonte do britânico.

retornaremos, como prometido, a uma análise mais completa das “Teses para a Era Atômica” de Günther Anders.

Conforme apresentamos, Anders se tornou um intelectual incontornável nas discussões sobre o fenômeno nuclear, seja pela sua relação crítica a própria criação das bombas, seja pela contribuição profunda que ele faz à análise do período por meio de seus escritos de teor mais filosófico. Ainda que no Brasil disponhamos de pouquíssimas obras traduzidas, o alemão tem aparecido constantemente nos debates mais contemporâneos da historiografia, certamente devido a atualidade contínua dos textos que permitem novas reflexões a cada vez que são revisitados.

No que diz respeito as Teses, que são o que nos interessa no momento, a sensação de que o texto continua atualíssimo é reflexo do tamanho da ameaça nuclear, que como nos é apresentado logo na nota de abertura do número 87 da revista *Sopro*, “persiste e persistirá para sempre”. Essas Teses são fruto de um seminário ministrado por Anders na Universidade Livre de Berlim em 1959, e foram publicadas em formato textual primeiro na Alemanha, em 1960. Posteriormente o próprio Günther Anders fez uma tradução para o inglês, que pode ser encontrada no volume 3 da *The Massachusetts Review*, uma conceituada revista de literatura e artes americana.<sup>70</sup>

O tema nuclear, no entanto, já é objeto presente nos escritos de Anders desde a publicação do primeiro volume da sua obra de maior referência, *A Obsolescência do homem*<sup>71</sup>, publicada em 1956, onde o alemão discute as mudanças ontológicas que ocorrem na humanidade após a revolução industrial, com a criação constante de novos dispositivos. Entre a publicação do primeiro e do segundo volume da *Obsolescência*, que só veio a ocorrer em 1980, Anders se dedicou com mais veemência às discussões sobre a criação e o uso das bombas nucleares, publicando em 1959 um compilado de cartas com Claude Eatherly, um dos pilotos do ataque a cidade de Hiroshima, e em 1972 “Fim do tempo e Tempo do Fim: Reflexões sobre a situação nuclear”<sup>72</sup>. Assim sendo, podemos notar que essa é uma discussão de grande importância para Günther Anders, e como ainda se trata de um problema

---

<sup>70</sup> ANDERS, op. cit. (online). n.p.

<sup>71</sup> Essa tradução do título é livre e retirada do espanhol, “La obsolescencia del hombre”, uma vez que não há traduções dessa obra para o português.

<sup>72</sup> “Endzeit und Zeitenende. Gedanken über die atomare situation”, tradução livre.

presente no nosso cotidiano, o diálogo com esses escritos possibilita a produção de novas observações frutíferas para os desafios das ciências humanas na nossa época.

A ideia que pretendemos explorar a seguir, parte de um pressuposto, existente nos trabalhos de Anders, e principalmente nas Teses, de que a partir de 1945 a humanidade entrou em uma Nova Era, na qual não haveria retorno e a única possibilidade seria o próprio fim da nossa espécie, provocando assim uma mudança radical nas perspectivas temporais na segunda metade do século passado. E isso pode ser visto logo na primeira Tese, quando Anders enuncia:

“1. *Hiroshima como Condição Mundial*: Em 6 de agosto de 1945, o Dia de Hiroshima, uma Nova Era começou: a era em que, a qualquer momento, temos o poder de transformar qualquer lugar do nosso planeta, e até o nosso próprio planeta, em uma Hiroshima. Naquele dia, nos tornamos, ao menos *modo negativo*, onipotentes; mas na medida em que, por outro lado, podemos ser dizimados a qualquer momento, também nos tornamos totalmente impotentes. Dure o quanto durar, mesmo que dure para sempre, essa Era é “A Última Era”: pois não há possibilidade alguma que sua *differentia specifica*, a possibilidade de nossa auto-extinção, termine jamais – exceto pelo próprio fim.”<sup>73</sup>

Vejam bem, o ponto que logo chama atenção nesse trecho, aparece prontamente no título. Hiroshima, a primeira cidade a receber um ataque nuclear, é colocada como uma “condição mundial”. Dessa forma, ela seria uma exigência, um fator imprescindível para a forma de enxergar o estado do planeta.

A partir disso, podemos notar que Anders aponta o dia específico do ataque, o 6 de agosto, como a marca do início dessa Nova Era, como se a partir dele houvesse um antes e um depois a serem explorados. Do ponto de vista da nossa discussão anterior, é como se nesse momento do tempo fosse adicionado um quantum de experiência novo, que altera radicalmente o horizonte de expectativa traçado pelos indivíduos daquele contexto. No entanto, existe aqui uma transformação ainda maior, visto que essa experiência adicionada tem uma capacidade nunca antes vista de que as expectativas deixem de se cumprir não por um erro de prognóstico, mas por uma ameaça de extinção que coloca no campo de

---

<sup>73</sup> ANDERS, op. cit. Tese 1. (online).

possibilidades a chance de que esse futuro nem chegue a existir.<sup>74</sup> Isso ocorre, em certa medida, devido ao fato de que essa nova experiência não se reduz a um lugar específico, porque ela pode alterar a configuração do planeta como um todo, transformando todo ele “em uma Hiroshima” – ou seja, um lugar dizimado pelos efeitos da bomba nuclear.

Dessa forma, essa capacidade de onipotência, isto é, de poder absoluto, equivale a uma parte dessa experiência recém-adquirida, visto que não há registro anterior de uma capacidade de promover mudanças tão grandes por parte dos seres humanos. Günther Anders, nesse sentido, faz um trocadilho direto com a capacidade de onipotência divina, indicando, por meio dessa observação, que esse poder que antes era restrito e inalcançável, agora se encontra na mão de indivíduos mundanos, que transformam o coletivo da humanidade em um grupo incapaz de reagir a esse fenômeno. As comparações com o poder divino continuam ainda quando a relação com o tempo é estabelecida, à medida que, se antes partíamos do pressuposto de que o fim do tempo seria resultado do retorno de Cristo, com o desfecho positivo da vida na eternidade, agora a possibilidade de abolição do tempo humano reside na ameaça constante de uma guerra atômica, que não pode ser remediada porque não temos como “desaprender” a fazer esses dispositivos e, portanto, esse próprio saber se torna uma ameaça.

Nesse sentido, essa dualidade temporal aparece logo na Tese seguinte, quando Anders escreve:

**2. *O Tempo do Fim Versus o Fim do Tempo:*** Portanto, por sua natureza mesma, essa era é uma “suspensão”, e nosso “modo de ser” nessa era deve ser definido como “ainda não sendo inexistentes”, “ainda não exatamente sendo inexistentes”. Assim, a questão moral básica de épocas anteriores deve ser reformulada radicalmente: ao invés de perguntar “*Como* devemos viver”, devemos agora perguntar “*Iremos* viver?”. Para nós, que somos “ainda não inexistentes” nessa Era de Suspensão, só há uma resposta: embora a qualquer momento O Tempo do Fim possa se converter n’O Fim do Tempo, devemos fazer tudo a nosso alcance para tornar O Tempo Final infundável. Na medida em que acreditamos na possibilidade d’O Fim do Tempo, nós somos Apocalípticos, mas na medida em que lutamos contra este

---

<sup>74</sup> Vale ressaltar que “horizonte de expectativas” e “campo de possibilidades” não sejam a mesma coisa. Apesar de serem metáforas espaciais para se imaginar o futuro, o horizonte de expectativas traz consigo, como discutimos, o seu par categórico do “espaço de experiências”, resultando numa diferença entre o primeiro termo e o segundo que se dá através da presunção de que um “campo de possibilidades” não precisa, necessariamente, ser traçado a partir da experiência, podendo assim fazer especulações de maneira mais livre.

Apocalipse fabricado pelo homem, nós somos – e isto nunca existiu anteriormente – “Anti-Apocalípticos”.<sup>75</sup>

De um lado, o “tempo do fim” representa esse período de ameaça constante, e a conversão dele no fim do tempo significaria que essa ameaça foi concretizada. Por isso essa é uma “era de suspensão”, porque o decurso do tempo se suspende uma vez que o intervalo entre o presente e o futuro se reduz apenas à espera. Nessa perspectiva, o espaço de experiência construído no presente, ou seja, o perigo nuclear, subverte o horizonte de expectativas que antes era aberto, tornando-o fechado e suprimindo a heterogeneidade de possibilidades de um futuro positivo. Outra vez, podemos notar uma assimetria entre as espaço de experiência e horizonte de expectativa, em razão da “quantidade de experiência” ser muito maior do que a de expectativa nessa situação.

Essa diferença entre experiência e expectativa é constitutiva da Modernidade, uma vez que o conceito de progresso entra em cena com os seus ideais de perfectibilidade temporalizada, como se os indivíduos caminhassem rumo ao futuro sempre se aprimorando de maneira positiva.<sup>76</sup> Nesse sentido, esse processo de aperfeiçoamento, muitas vezes também atrelado ao ideal de regulação civilizatório, é que constitui a pergunta sobre “como iremos viver.” O que Anders está dizendo é que durante esse tempo do fim, as convicções sustentadas pelo progresso são colocadas em xeque, principalmente pelo fato de haver uma incerteza em relação a nossa própria existência no futuro.

Por conseguinte, partindo da suposição de que inevitavelmente deixaremos de existir no futuro – seja pela esperança na redenção religiosa ou pela guerra atômica, o que Anders indica é que nós devemos agir de maneira contrária ao pressuposto do progresso. Tendo em vista que antes o objetivo era transformar o futuro no presente o mais rápido possível, agora precisamos nos distanciar o máximo dele, uma vez que a sua chegada representaria nosso próprio desaparecimento. Diante disso, esse novo modo de ver e lidar com o tempo produz alterações no próprio sentido da História, porque a concepção gerada na Modernidade de que ela seria um processo contínuo, crescente e planejado, que deveria ser posto em prática pelos homens, não caberia mais no contexto pós-1945.

---

<sup>75</sup> ANDERS, op. cit. Tese 2. (online).

<sup>76</sup> Cf. KOSELLECK, 2006. p. 316-318.

Assim sendo, essa racionalização da História como um processo cujo os efeitos das ações poderiam ser, em tese, previstos de antemão, acabam por legitimar ações políticas no presente com base nas expectativas geradas para o futuro. No entanto, esse é mais um fator que sofre alteração com o surgimento do fenômeno nuclear, também percebido por Günther Anders, quando ele expõe na terceira Tese:

*“3. Não Armas Atômicas na Situação Política, mas Ações Políticas na Situação Atômica: Embora soe absolutamente plausível, é errôneo dizer que as armas atômicas existem em nossa situação política. Essa afirmação deve ser virada de ponta-cabeça a fim de se tornar verdadeira. Como a situação hoje é determinada e definida exclusivamente pela existência de “armas atômicas”, nós devemos afirmar: ações e desenvolvimentos políticos estão ocorrendo dentro da situação atômica.”<sup>77</sup>*

Se antes as decisões políticas buscavam concretizar os desejos futuros pressupondo que “os fins justificariam os meios”, agora são as armas atômicas que definem o jogo, uma vez que esses dispositivos se encontram acima de qualquer articulação política. Como tratamos de uma ameaça que se incide sobre todos sem distinção, mas que o poder de aplicação não parte de princípios democráticos, os movimentos do campo da política se enquadram de acordo com os limites impostos pela situação atômica. Isso ocorre, por exemplo, depois de 1945 quando os Estados Unidos se estabeleceram como uma potência militar – devido a posse e ao uso recente das bombas – e não sofreram nenhum tipo de sanção, pelo contrário, formaram novas alianças militares que, explicitamente ou não, se ancoravam sobre a proteção gerada pelo medo produzido por esses dispositivos.

Nesse sentido, todo o jogo político se moldou ao redor das armas atômicas, e os americanos só voltaram a sentir qualquer tipo de ameaça quando a União Soviética entrou no cenário sob posse também de um arsenal de bombas nucleares. Esse período, da então chamada Guerra Fria, é do ponto de vista das temporalidades um espaço de indefinição temporal, visto que o cronótopo tempo-histórico, resultante da tensão entre experiência e expectativa, não consegue dar conta da realidade que se apresenta. Isso porque o espaço de experiência não pode ser tomado como parâmetro uma vez que o passado recente é o da destruição, e um passado mais remoto, o do progresso, foi um dos responsáveis pelo resultado observado. Por outro lado, o horizonte de expectativas, como discutimos, se fechou devido ao fato de que as únicas possibilidades que podem ser vislumbradas

---

<sup>77</sup> ANDERS, op. Cit. Tese 3. (online).

levariam a mais destruição ou até a própria extinção. O presente, por sua vez, sofre uma modificação do estágio de suspensão para um estágio de supressão, à medida que o passado e o futuro se tensionam sobre ele de maneira desmedida.

Isto posto, mesmo que esse momento pós-45 seja tradicionalmente caracterizado pela constante disputa entre dois blocos que se denominam inimigos, Günther Anders aparece novamente como uma observação sobre esse tipo de relação e apresenta uma medida que deveria ser tomada na Era Atômica, mas que infelizmente não se comprovou na realidade:

“4. *Não Arma, mas Inimigo*: Aquilo contra o que estamos lutando não é este ou aquele inimigo que poderia ser atacado ou liquidado por meios atômicos, mas a situação atômica como tal. Já que esse inimigo é o inimigo de todos, aqueles que, até agora, tinham considerado uns aos outros inimigos, devem agora se tornar aliados contra a ameaça comum. – Ações de paz das quais excluimos aqueles com quem desejamos viver em paz constituem uma hipocrisia, um farisaísmo e uma perda de tempo.”<sup>78</sup>

Esse novo inimigo, eleva ainda mais o grau de impessoalidade que é característica da guerra moderna, uma vez que além dos dispositivos não distinguem seus alvos, como já discutimos, esses aparelhos se tornam eles mesmos os nossos inimigos. No entanto, essa modificação produz ainda outro efeito no que diz respeito às movimentações políticas ao impossibilitar eventuais negociações, dado que não há uma maneira de se dialogar com um dispositivo, apenas com aqueles indivíduos que mediam a relação entre a ameaça e sua realização concreta. Vale ressaltar ainda, que mais uma novidade pode ser observada por meio dessa possibilidade de se estabelecer um inimigo que é inimigo de todos. Esse é um fato inédito no decurso da História, porque mesmo que já atribuamos à Primeira Guerra o status de mundial, ela nunca vislumbrou a experiência de ter um dispositivo como esse, que pode, literalmente, extinguir toda a raça humana em um espaço de tempo curtíssimo.

Nesse sentido, o esforço para se combater um inimigo como esse deveria ser irrestrito, mas isso não pode ser verificado empiricamente por causa da própria ameaça. É preciso lembrar que o Projeto Manhattan foi desenvolvido, a princípio, sob a justificativa de uma proteção contra o regime nazista, que àquela altura, também se dedicava ao estudo atômico. Entretanto, a bomba foi utilizada pelos americanos mesmo após os fascismos na Europa não representarem mais um perigo iminente, fazendo com que uma ameaça fosse substituída pela outra. Essa

---

<sup>78</sup> ANDERS, op. cit. Tese 4. (online).

substituição, por sua vez, não possui o mesmo grau de equivalência, ainda que similaridades possam ser traçadas, o potencial destrutivo atômico é muito maior.

O modo de agir sobre o imaginário, no entanto, pode ser percebido de maneira parecida. No totalitarismo, o terror é um fator fundamental para manutenção do regime, e funciona por meio de uma atomização da sociedade, na qual os indivíduos têm todos os seus laços sociais destruídos, se tornando sujeitos singulares e, dessa forma, sendo impactados de maneira particular, dificultando ainda mais qualquer forma de resistência.<sup>79</sup> Podemos compreender melhor essa relação através de Hannah Arendt quando a filósofa diz em *Origens do Totalitarismo*:

“O totalitarismo que se preza deve chegar ao ponto em que tem de acabar com a existência autônoma de qualquer atividade que seja, mesmo que se trate de xadrez.[...] [Porque a] uniformidade inteiramente homogênea é a condição fundamental para o totalitarismo.”<sup>80</sup>

Essa fórmula se repete na Era Atômica, mas com o plus de haver nesse segundo caso uma impossibilidade de mudança. Apesar do tamanho assustador, os regimes totalitários ainda permitiam a existência de uma certa esperança de serem derrotados por aqueles outros grupos que não se encontravam sob a sombra do totalitarismo.<sup>81</sup> Já no fenômeno atômico, essa esperança se torna impossível, devido a possibilidade da destruição total, mesmo que os conflitos sejam travados entre nações específicas. Os indivíduos são atomizados como no totalitarismo porque todos sentem medo indiscriminadamente, e a diferença existe apenas no impacto que o terror causa em uns e em outros.<sup>82</sup>

Por conseguinte, a sustentação dessa mudança se baseia na transformação do aparato nuclear em um coeficiente de chantagem. Isso porque após se observar o horror da capacidade destrutiva das bombas, era necessário justificar a manutenção do investimento na produção de dispositivos como esses, e isso foi feito a partir da insistência na ideia de que seria um mecanismo de proteção, a partir daqui, contra a própria ameaça nuclear, uma vez que outros países também se empregaram no desenvolvimento – e mesmo na evolução – dessas bombas. Assim

<sup>79</sup> Cf, ARENDT, Hannah. (2012), parte III. Para o terror, cap. 4, e para a atomização, cap 1.

<sup>80</sup> ARENDT, Hannah. “Uma sociedade sem classes”. In: **Origens do Totalitarismo: Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 452.

<sup>81</sup> Isso aparece, por exemplo, naquele discurso de Churchill quando ele expõe sua esperança na resistência inglesa ou na salvação pelos americanos.

<sup>82</sup> Os japoneses, por razões óbvias, são muito mais impactados pelo fenômeno nuclear do que nós brasileiros, por exemplo.

sendo, é possível perceber que houve uma horizontalização do monopólio nuclear à medida que novos sujeitos passaram a integrar esse cenário de intimidação desmedida, que permite traçarmos uma diferenciação tênue dos regimes totalitários através daquela impossibilidade de mudança. Os totalitarismos (políticos) já foram substituídos, a ameaça atômica, por sua vez, não pode ser, ou isso significaria o próprio fim.<sup>83</sup>

Essa multiplicação da produção desses aparelhos atômicos potencializou ainda mais a capacidade provocar medo, uma vez que esses dispositivos produzem ainda efeitos que vão além da poderosa explosão gerada pelas detonações. Como o processo de fissão nuclear que ocorre no interior das bombas é gerado através de elementos químicos radioativos, essas substâncias permanecem agindo mesmo após as explosões, e por causa da sua própria estrutura física (gás) podem atingir espaços ainda maiores que ultrapassam o raio de impacto previsto inicialmente. Nas semanas seguintes aos eventos de Hiroshima e Nagasaki, por exemplo, milhares de óbitos vieram a ocorrer em consequência da radiação. Nesse sentido, os limites do impacto da utilização desses dispositivos não podem ser muito bem definidos, uma vez que influências externas, da própria natureza, como a posição do terreno, o vento e a chuva, podem influenciar na dimensão dos efeitos. Como exposto por Günther Anders, “na medida em que as nuvens radioativas não se importam com marcos, fronteiras nacionais ou cortinas, as distâncias estão abolidas.”<sup>84</sup>

Desse modo, é por meio desse potencial destrutivo que se expande indefinidamente que a ideia de uma Era Atômica se sustenta, porque todos os indivíduos estão ao alcance de apenas alguns botões apertados. Entretanto, Anders coloca ainda a necessidade de uma ampliação do nosso horizonte temporal, tendo em vista que além do aumento espacial dos efeitos gerados pelo uso dessas armas, eles continuam reverberando ao longo do tempo.

“7. *“As Gerações Unidas”*: Não apenas nosso horizonte espacial deve ser ampliado, como também o temporal. Na medida em que ações praticadas hoje (explosões para testes nucleares, por exemplo) afetam gerações futuras tão perniciosamente quanto afetam a nossa, o futuro pertence ao âmbito de nosso presente. “O futuro já começou” – pois o trovão de amanhã vem do relâmpago de hoje. A distinção entre as gerações de hoje e de amanhã perdeu o sentido; podemos até mesmo falar em uma *Liga de Gerações*, à qual nossos netos pertencem tão automaticamente

<sup>83</sup> Cf. ANDERS, op. cit. Tese 5. (online).

<sup>84</sup> Ibid., Tese 6. (online).

quanto nós. Eles são nossos “*vizinhos no tempo*”. Ao pôr fogo em *nossa casa*, não podemos evitar que as chamas atinjam as cidades do futuro, e que as casas ainda-não-construídas das gerações ainda-não-nascidas se reduzam a cinzas junto com nossas casas. Até mesmo nossos antepassados são membros de pleno direito dessa Liga: pois, morrendo, faríamos com que eles morressem também – uma segunda vez, por assim dizer; e, depois dessa segunda morte, tudo seria como se eles nunca tivessem existido.<sup>85</sup>

Esse tipo de afirmação nos permite recorrer novamente às categorias de Koselleck, visto que Anders utiliza uma série de palavras que remetem a mesma rede linguística do seu conterrâneo. Ao avaliarmos, por exemplo, a indicação de que as ações nucleares realizadas no presente afetam igualmente os sujeitos no futuro, podemos traçar uma relação entre a experiência e a expectativa. Nesse caso, a distância entre a experiência e a expectativa é abolida, uma vez que nossa capacidade de imaginação é suprimida pela sensação recorrente da ameaça atômica, ou até mesmo dos efeitos empíricos que as detonações podem causar – como nos casos de Hiroshima, Nagasaki e das Ilhas Marshall, por exemplo.

Contudo, algumas considerações precisam ser feitas para uma melhor compreensão dessas ideias. Quando Günther Anders utiliza da fórmula de Robert Jungk para dizer que “o futuro já começou”<sup>86</sup>, nós podemos, na verdade, dizer que as expectativas já estão se tornando experiências. Isso porque se partimos daquele pressuposto de que a guerra atômica inviabiliza as possibilidades de mudança e, portanto, o futuro será o mesmo que é o presente, então experiência e expectativa também não se diferenciam. Por esse ângulo, o que resta do ponto de vista da experiência temporal entre o presente e o futuro é apenas um espaço vazio, esperando o acaso do surgimento de uma experiência nova e inesperada que possa preenche-lo. Essa relação pode ser melhor assimilada se usarmos uma metáfora da própria bomba.

Na detonação desses dispositivos, o estampido gerado pela explosão é precedido de um ínfimo momento de silêncio absoluto, no qual só existe o tempo em seu estado puro. A luz e o calor caminham mais rápido que o som, e quando esse intervalo entre um e outro é preenchido, se produz um eco. Esse fenômeno sonoro ocorre quando som encontra um obstáculo na sua propagação e retorna ao seu ponto de origem. Isso é mais ou menos o que acontece na suposição de Anders

---

<sup>85</sup> Ibid., Tese 7. (online).

<sup>86</sup> Cf. primeira nota de rodapé colocada por Anders nas Teses.

sobre a relação entre o futuro e o presente, quando afirma que “o trovão (som) de amanhã vem do relâmpago (luz) de hoje”. Quando o horizonte tem uma barreira intransponível, que é o próprio fim, os ruídos emitidos pelas ações no presente se propagam e retornam como ecos, trazendo consigo uma mensagem do que está adiante, um recado do futuro, que no caso do fenômeno nuclear não é positivo.

Por sua vez, essa ideia de “vizinhos no tempo” representa esses sujeitos que se encontram no espaço vazio entre a experiência e a expectativa. São indivíduos que não podem recorrer nem ao espaço de experiência, tomado pelo horror do fenômeno nuclear, nem ao horizonte de expectativa, porque a ameaça continua se intensificando. Dessa forma, essas novas gerações poderiam apenas ouvir os ecos, mas a responsabilidade sobre o futuro delas reside no passado. Se tratam de gerações inertes, devido a impossibilidade de se acabar com esses dispositivos, uma vez que o conhecimento sobre eles já existe. No caso dos antepassados, que em tese são sujeitos que não experimentaram o fenômeno atômico, essa segunda morte significaria o fim da memória de uma geração que não viveu sob o perigo da extinção, ou seja, a dissolução de um espaço de experiência diferente da Era Atômica.

Por fim, podemos perceber que nenhuma dessas possibilidades se encontravam no imaginário daquele discurso de Winston Churchill em junho de 1940. O premier britânico jamais imaginou que “a hora mais escura” sequer poderia ser comparada com o perigo oferecido pelos nazistas, e que, por ironia do destino, seria provocada por aqueles indivíduos no qual ele depositava suas últimas esperanças. No entanto, mesmo após testemunhar o horror dos ataques de 1945, foi sob o mandato de Churchill como Primeiro-Ministro que o Reino Unido realizou seu primeiro teste nuclear em 1957. Assim sendo, o britânico seria tão responsável pela catástrofe que se apresentava quanto os americanos, uma vez que também contribuiu para o desenvolvimento desses aparelhos de destruição. Ou seja, mesmo as gerações que puderam experimentar o mundo antes do perigo da extinção, não agiram para tentar remediar o avanço da produção desses dispositivos, pelo

contrário.<sup>87</sup> Isso vai de acordo com o que Anders diz ao fim das Teses, quando fala da necessidade de agirmos contra a produção dessas armas:

“Publiquei estas palavras a fim de evitar que elas se tornem reais. Se não mantivermos em mente, de maneira obstinada, a grande probabilidade do desastre, e se não agirmos em conformidade com isso, seremos incapazes de achar uma saída. Não há nada mais assustador do que estar certo. – E se alguns, paralisados pela sombria probabilidade da catástrofe, já perderam a coragem, eles ainda tem a chance de provar seu amor ao homem atendendo à máxima cínica: “Continuemos trabalhando como se tivéssemos o direito de ter esperança. Nosso desespero não nos diz respeito”<sup>88</sup>

Nesse sentido, podemos conceber o momento pós-45 realmente como um espaço de indefinição temporal, porque ele se encontra nesse lugar entre a experiência limítrofe da catástrofe atômica, e o futuro obstruído pela ameaça da aniquilação. A categoria do espaço de experiência não fornece os requisitos necessários pra se produzir novos horizontes de expectativa e, dessa forma, o tempo-histórico acaba sendo suprimido. Resta somente um presente desorientado, privado da imaginação, cujo os únicos elementos de sustentação são as ruínas de um castelo que não existe mais, mas que sua queda produziu um eco que reverbera pela eternidade.

### 3.2. Entretempo.

Em janeiro de 1818 apareceu no *The Examiner*, um poema escrito por Percy Shelley intitulado “Ozymandias”, em referência ao nome pelo qual os gregos chamavam o faraó egípcio Ramsés II. Para iniciarmos nossas discussões, no entanto, gostaria de reproduzir aqui a tradução para o português elaborada por Péricles Eugênio da Silva Ramos, que diz:

“Ao vir de antiga terra, disse-me um viajante:  
 Duas pernas de pedra, enormes e sem corpo,  
 Acham-se no deserto. E jaz, pouco distante,  
 Afundando na areia, um rosto já quebrado,  
 De lábio desdenhoso, olhar frio e arrogante:  
 Mostra esse aspecto que o escultor bem conhecia

---

<sup>87</sup> As Teses seguintes de Günther Anders até se empenham nas discussões sobre a responsabilização, a capacidade de imaginação e outros temas ligados a despersonalização que a utilização desses aparelhos causa, mas que infelizmente não caberiam no espaço desse trabalho, uma vez que necessitariam de uma reflexão mais aprofundada. Para melhor compreensão dos problemas de responsabilidade, Cf. Anders, (2003). E nos casos da capacidade de imaginação e da despersonalização, Cf. Anders, (2011), vol. 1.

<sup>88</sup> ANDERS, 2013, (online) n.p.

Quantas paixões lá sobrevivem, nos fragmentos,  
 À mão que as imitava e ao peito que as nutria  
 No pedestal estas palavras notareis:  
 “Meu nome é Ozimândias, e sou Rei dos Reis:  
 Desesperai, ó Grandes, vendo as minhas obras!”  
 Nada subsiste ali. Em torno à derrocada  
 Da ruína colossal, a areia ilimitada  
 Se estende ao longe, rasa, nua, abandonada”.<sup>89</sup>

Nas palavras de Shelley, aparece logo de início uma relação com o passado, representado na pessoa de um viajante, que vem de um lugar, e traz consigo uma mensagem. Com isso, o poeta inglês, através do mensageiro, faz uma descrição das ruínas de uma estátua imponente, de um rei poderoso de outrora, cuja as únicas coisas que restam são devoradas lentamente pelo tempo no vazio do deserto. Muitas coisas podem ser trabalhadas a partir desses escritos de Shelley, mas os paralelos com as nossas discussões sobre o tempo se mostram incontornáveis.

O poema representa bem como não importa o tamanho do poder, ou as façanhas realizadas, nada resiste ao tempo. As construções, as declarações e os pensamentos residem no passado e apenas ecoam no presente como forma de uma advertência de que tudo que é produzido pelos homens, sejam eles escultores ou faraós, pode deixar de existir. Entretanto, o espaço sobre o qual tudo isso foi construído continua lá, seja como repositório da experiência ou até mesmo possibilidade de reconstrução. Em suma, no Ozymandias podemos notar como o passado se faz sempre presente, e por mais distantes que pareçamos estar dessas realidades, as areias do tempo sempre podem chegar até nós, esclarecendo que basta um olhar mais aprofundado ao nosso redor para constatar que somos sempre contemporâneos aos nossos antepassados.

No nosso caso, da Era Atômica, essas questões podem ser ultrapassadas, porque além de estarmos em contemporaneidade com os nossos vizinhos do passado, somos também contemporâneos das gerações futuras, uma vez que todas se encontram sob a sombra do fenômeno nuclear. Contudo, essa própria ideia de contemporaneidade precisa ser avaliada com uma maior dedicação, visto que são acarretadas novas questões que são fundamentais para compreensão tanto desse conceito, quanto da realidade histórica que ele ajuda a construir. Isso porque ao apontarmos que somos contemporâneos, carecemos de questionar do *que* e de *quem* estamos contemporâneos.

---

<sup>89</sup> SHELLEY, P. B. “Ozymandias” In: **Ode ao vento oeste e outros poemas**. Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Ed. Hedra, 2009. p. 41.

Para isso, nos valeremos aqui do clássico texto do filósofo italiano Giorgio Agambem, cujo título “*O que é o contemporâneo?*” toca justamente nessas questões. Esses escritos são fruto de uma aula inaugural de um curso sobre Filosofia Teorética ministrado por Agambem entre 2006 e 2007 no Instituto Universitário de Arquitetura de Veneza (IUAV), onde ele abre justamente com as perguntas: “De quem e do que somos contemporâneos? E, antes de tudo, o que significa ser contemporâneo?”.<sup>90</sup> O princípio de resposta dado pelo filósofo recorre às *Considerações Intempestivas* de Nietzsche ao dizer, citando Barthes, que “o contemporâneo é o intempestivo”.<sup>91</sup> Na tentativa de pensar filosoficamente seu próprio tempo, Agambem aponta que

“Nietzsche situa a sua exigência de ‘atualidade’, a sua ‘contemporaneidade’ em relação ao presente, numa **desconexão** e numa **dissociação**. Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo.”<sup>92</sup>

Nesse sentido, os ‘contemporâneos’ são aqueles indivíduos que se encontram em uma espécie de discronia com seu próprio tempo, estabelecendo uma relação singular que os permitem perceber as particularidades do presente através dessa desconexão. No caso da dissociação, isso ocorre porque esses indivíduos não se enxergam naquela realidade, mesmo sabendo que ela é inescapável. Mas é justamente por isso que são contemporâneos, porque podem acessar um ponto de observação “de fora”, e por esse motivo agir de maneira diferente no interior das temporalidades.

Do ponto de vista da palavra, “contemporâneo” tem origem no termo latino “cum tempore” que remete a algo como existir no mesmo período de tempo. Assim sendo, podemos dizer, por exemplo, que os aparelhos atômicos e os de televisão são contemporâneos, porque ambos compartilham o mesmo quadro temporal. Entretanto, após o século XIX com as revoluções, a contemporaneidade passou a qualificar o presente, determinando as fronteiras que separam aqueles que são

<sup>90</sup> AGAMBEN, G., “O que é o contemporâneo?” In: **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Ed. Argos, 2009. p. 57.

<sup>91</sup> BARTHES, Roland. apud AGAMBEM, 2009, p. 58.

<sup>92</sup> Ibid., p.58-59. (grifos meus)

contemporâneos daqueles que não são.<sup>93</sup> Essa relação coloca o presente como algo que se difere do passado como um lugar, porque considera o tempo especializado através do sentido do progresso. Por isso, o passado está atrás, como se tivesse sido superado por um novo tempo que se coloca essencialmente como melhor.<sup>94</sup>

No entanto, esse tipo de intuição necessita supor a existência de uma universalidade temporal, ou seja, da presunção de que todos os indivíduos – em qualquer lugar do planeta – estão no mesmo quadro do tempo. Ou seja, nessa perspectiva o contemporâneo se estabelecerá como um conceito que define uma época num tempo diacrônico, dividindo o tempo e estabelecendo uma descontinuidade. Nesse sentido, a contemporaneidade é esse espaço entre tempos, entre aquilo que já foi e aquilo que ainda será, e por isso o ponto de vista dos sujeitos que se encontram nessa posição se torna privilegiado, porque a contemporaneidade é um lugar “fora” do tempo cronológico, e justamente por essa distância é que ela pode agir sobre ele. Essa relação aparece em Agambem, quando o italiano reafirma a ideia de que

“O seu dorso [do presente] está fraturado, e nós nos mantemos exatamente no ponto da fratura. Por isso somos, apesar de tudo, contemporâneos a esse tempo. Compreendam bem que o compromisso que está em questão na contemporaneidade não tem lugar simplesmente no tempo cronológico: é, no tempo cronológico, algo que urge dentro deste e que o transforma. E nessa urgência é a intempestividade, o anacronismo que nos permite apreender o nosso tempo na forma de um “muito cedo” que é, também, um “muito tarde”, de um “já” que é, também, um “ainda não”. E, do mesmo modo, reconhecer nas trevas do presente a luz que, sem nunca poder nos alcançar, está perenemente em viagem até nós.”<sup>95</sup>

Essa relação com o presente, que aponta para o sentido de simultaneidades e não de processos coloca a contemporaneidade, se vista como um conceito de época, no último espaço possível de tempo da diacronia. O contemporâneo, nesse sentido, é sempre o mais recente, está sempre atualizado em relação ao tempo e, por isso, até os acontecimentos de uma manhã podem já não ser mais contemporâneos no fim do dia, uma vez que esse caráter sempre fugidio do presente permite, nesse tempo entretempos, que o inesperado ocorra de maneira cada vez mais frequente.

---

<sup>93</sup> MUDROVICIC, Maria Inés. “The politics of time, the politics of history: who are my contemporaries?”, *Rethinking History*. 23:4, (online). p.459-460.

<sup>94</sup> Esse é um traço característico da Modernidade, como já discutimos anteriormente. Faz sentido que esse argumento apareça em ambos os conceitos uma vez que a Modernidade sempre se coloca como contemporânea ao seu tempo.

<sup>95</sup> AGAMABEM, op. cit. p.65-66.

Portanto, contemporâneos são aqueles que a partir do momento exato do presente podem olhar para o passado com todas as suas idiossincrasias e ainda sim traçar relações entre os dois, mas não como se fossem diferentes, e sim como se fossem simultâneos. O passado e o presente se entrecruzam, e a partir desse entrecruzamento que se formam as experiências do tempo. Diferentemente das categorias de Koselleck, que nunca chegam a coincidir totalmente, na contemporaneidade todas as temporalidades coexistem e se compartilham entre si, dando origem a um novo cronótopo.<sup>96</sup>

É preciso ressaltar, entretanto, que esse princípio de simultaneidade não cessa por completo a qualificações que são estabelecidas na contemporaneidade, como chama atenção Maria Inés Mudrovcic:

“Contemporaneity is defined not only in relation to the universal temporal continuum of before and after but also through a third conceptualization. It discriminates in the same present: not everything coexisting in the present is contemporary. Not every coeval shares the same chronological present.”<sup>97</sup>

Nesse sentido, o que a filósofa argentina quer dizer é que a contemporaneidade estabelece uma regra normativa, ou melhor, nos termos da própria autora, “uma política de tempo”<sup>98</sup>. Essas fronteiras, no entanto, podem ser concebidas por diferentes grupos ao longo do tempo. No caso da análise de Mudrovcic e de Agambem, as políticas são aplicadas por aqueles que se julgam modernos no século XIX, ou seja, aqueles indivíduos que mobilizam uma série de categorias para formar um estatuto que possa dizer: “nós somos os modernos”. Por outro lado, podemos pensar quem são os indivíduos que demarcariam esses limites na Era Atômica?

Se partimos desse pressuposto de que o contemporâneo é uma categoria que estabelece uma marca no tempo entre dois períodos distintos, o problema nuclear poderia ser visto como essencialmente contemporâneo. Conforme vimos, esses dispositivos agem nas temporalidades abolindo as distâncias entre o passado e o futuro, e tornando um presente um ponto obscurecido pela ameaça atômica. Nessa

---

<sup>96</sup> Essas relações temporais de compartilhamentos podem ser melhor compreendidas através da ideia de Estratos do Tempo, de Koselleck, uma vez que os tempos também não podem se entrelaçar totalmente a ponto de se confundirem. Nesse sentido, apenas algumas camadas são compartilhadas, de acordo com as necessidades do presente, formando, para usarmos os termos de Bruno Latour como no fim do último capítulo deste trabalho, uma experiência temporal híbrida, de passado, de presente, e de futuro.

<sup>97</sup> MUDROVCIC, op cit. p. 455-466.

<sup>98</sup> Ibid., p. 466.

perspectiva, se tudo está debaixo da sombra nuclear, tudo se torna contemporâneo. E aqui haveria ainda uma evolução, no sentido de que todos os indivíduos, sem distinção, estariam incluídos nesse quadro, uma vez que a barreira imposta pela existência da bomba é muito maior do que qualquer outra anterior, porque põe em risco toda a espécie humana. Isso aparece em Günther Anders quando o alemão fala da possibilidade de que nada exista mais:

“Pues no se puede saber en boca de quién debería depositar su memoria, cuando su miedo a morir se refiere ahora al barco mismo, a la humanidad como conjunto, que, si desapareciera, arrastraría consigo a la oscuridad a todos los que pudieran recordar hoy, mañana y pasado mañana. Así que no habrá existido. Y no sólo él, sino nada que no haya sido superfluo: ningún pueblo, ningún hombre, ninguna lengua, ninguna idea, ningún amor, ningún combate, ningún dolor, ninguna esperanza, ningún consuelo, ninguna víctima, ninguna imagen, ninguna canción, etcétera; en suma: nada que sólo hubiera sido sólo "pasado". Incluso a nosotros, hoy, a quienes todavía vivimos en el mundo que aún se mantiene, lo pasado, que ya no es nada, nos parece "pasado", muerto.”<sup>99</sup>

Essa situação em que tudo o que existe pode ser extinto é possível porque ele coloca os seres humanos em pé de igualdade com todas as outras coisas passíveis de desaparecer deste mundo, estabelecendo tudo em um grau de efemeridade, diferentemente da concepção moderna de que a humanidade estaria acima de tudo e de todos. Para Anders, na verdade, nós podemos ser ainda mais efêmeros do que tudo isso, uma vez que podemos ser extintos enquanto espécie, não só num nível espacial, mas também em um temporal, porque se desaparecermos, levamos conosco tanto todas as gerações do passado, quanto as que viriam a existir no futuro. Nesse sentido, o tempo seria visto apenas como um episódio entre o que não existe mais e o que não existirá, e como não restaria ninguém para ser contemporâneo desse tempo, ninguém poderia distinguir a diferença entre eles.<sup>100</sup>

Entretanto, essa ideia de que podemos ser menores do que nos consideramos, reside no fato de que existe uma dissincronia entre os homens e os produtos que são criados por eles, sobretudo quando tratamos desses dispositivos nucleares. Isso porque nossa capacidade de continuar criando sempre algo novo faz com que estejamos também sempre atrasados em relação a esses avanços. No caso das bombas, elas foram desenvolvidas sob o preceito de serem apenas um aparelho mais tecnológico e potente, ou seja, uma arma “mais avançada”, e não uma

<sup>99</sup> ANDERS, 2011, p. 207.

<sup>100</sup> Cf. ANDERS, 2003, p. 37.

representação apocalíptica. Porém, sua capacidade quase ilimitada de destruição não coincide com a nossa capacidade de detê-la, então ela estaria sempre um passo à nossa frente. Assim sendo, os homens e as bombas não podem ser contemporâneos, porque esses dispositivos carregam um fragmento do futuro que se distancia de nós constantemente.

Nessa perspectiva, existe uma preeminência entre a produção e a representação porque a nossa capacidade de criar não se assemelha com a nossa capacidade de imaginar. Podemos desenvolver armas atômicas cada vez mais sofisticadas, mas não somos preparados o suficiente pra imaginar o tamanho do impacto que a existência e o uso desses aparelhos podem causar à nossa própria realidade. Essa é uma dificuldade que novamente remete ao futuro, uma vez que tal incapacidade de imaginação aponta para aquela diminuição do horizonte de expectativas. Não podemos determinar com clareza um prognóstico sobre o futuro justamente porque nos encontramos nessa dissincronia com a nossa produção, à medida antes mesmo de idealizarmos o amanhã, esse tempo já fora sequestrado pela existência desses equipamentos, e essa associação permite que nos tornemos indiferentes às consequências das ações que realizamos no presente, mas que reverberam no futuro.

Nesse sentido, é razoável supor que esse ritmo de produção acelerado, que se tornou característico por causa da transformação do progresso moral no progresso técnico, cria uma realidade na qual nós não nos encaixamos, ou melhor, na qual não conseguimos acompanhar. Essa incapacidade de apreender a maneira pela qual as coisas acontecem dificulta nossa capacidade de reação diante dos absurdos que podem surgir – como no caso dos bombardeios no Japão – e resultam em uma forma de experienciar esses fenômenos que é desigual para uns e para outros. Assim, retornamos ao problema da contemporaneidade, porque mesmo que a bomba coloque todos os indivíduos sobre a mesma seara, isso é sentido de maneira desigual de acordo com a sua posição em relação aos aparelhos.<sup>101</sup>

Portanto, essa perspectiva de que estamos sempre atrasados em relação aos produtos que criamos é que constitui o que Günther Anders chama de obsolescência, e esse processo é acentuado após o desenvolvimento das armas

---

<sup>101</sup> Porque por uma ingenuidade, alguns podem se sentir menos ameaçados do que outros, seja pela chantagem de estar “sob proteção” desses dispositivos, ou seja pela própria incapacidade de imaginar os efeitos que uma guerra nuclear poderia causar.

nucleares por todos esses motivos que vínhamos argumentando até aqui. Não obstante, para a nossa disciplina histórica o próprio cronótopo do tempo-histórico entra também em obsolescência após o surgimento desses dispositivos, uma vez que o resultado da tensão entre experiência e expectativa não consegue abarcar essa nova realidade. Isso porque, no caso da bomba:

"No es su uso estratégico (como los bombardeos en la última guerra mundial) lo que la convierte en una "arma total", sino su naturaleza física. Con ello se quiere decir que la "totalidad de la amenaza" no es ningún signo de especial "infamia", sino signo de una incapacidad: su incapacidad de apuntar a un objetivo."<sup>102</sup>

Como os impactos do uso desses aparelhos superam seus propósitos iniciais, para Anders eles constituem um *unicum*, uma exclusividade no tempo, porque sua natureza não é comparável, e sua presença amorfa torna ainda mais difícil qualquer tipo de análise concreta sobre a extensão da influência desses dispositivos.<sup>103</sup>

Mesmo depois do agosto de 1945 e da possibilidade de se ter dimensão dos efeitos do uso desse tipo de arma, inúmeros países passaram a desenvolver testes nucleares em lugares afastados, sobretudo no oceano pacífico, que eram justificados apenas como experimentos. Entretanto, “os experimentos nucleares já não são hoje experimentos”<sup>104</sup>, eles fazem parte da nossa realidade histórica, visto que por mais que esses equipamentos não sejam nossos contemporâneos, seus efeitos são, e podem infectar o ar, os alimentos, os corais no fundo do mar, ou qualquer outra coisa que possa ser tocada pela radiação deixada pelas detonações. E apesar dessa contemporaneidade entre nós e esses dejetos, o tempo de duração deles é muito maior se comparado ao dos seres humanos. O urânio-235, por exemplo, usado na *Little Boy* que foi lançada sobre Hiroshima, tem uma meia-vida de 703.8 milhões de anos, e o plutônio-239, que compôs o dispositivo *Fat Boy* usado em Nagasaki, possui uma meia-vida próxima dos 24 mil anos.<sup>105</sup>

Do ponto de vista da História, esses experimentos – que não são mais apenas experimentos – acabam por muitas vezes sendo ignorados e colocados à margem de outros acontecimentos que a partir de uma perspectiva de sua influência,

---

<sup>102</sup> ANDERS, 2011, p.219.

<sup>103</sup> Ibid., p.216-217.

<sup>104</sup> Ibid., p.221.

<sup>105</sup> O termo “meia-vida” é utilizado pelas ciências para determinar quanto tempo leva para que esses elementos comecem a perder seu efeito e desintegrar.

impactam muito menos a realidade humana do que a contaminação química de uma cidade inteira. Nesse sentido, Anders aponta que

“Algo análogo vale para los experimentos atómicos, por no hablar de las guerras atómicas. Su preparación puede que aún forme parte de la dimensión de la historia, pues sus iniciadores lo hacen con la esperanza de alcanzar determinadas finalidades históricas para el futuro. Pero en el momento en que se llegara a la realización de esa meta, o sea, en el momento del inicio de la guerra, se habría acabado la historia. El día de las primeras explosiones también explotaría con éstas la dimensión de la historia. ‘Al final del camino se dibuja más claramente el fantasma de la aniquilación universal’ (Einstein en su mensaje a los científicos atómicos italianos). Lo que restaría ya no sería una situación histórica, sino un campo de ruinas en el que quedaría enterrado cuanto fue historia en un tiempo. Y si, a pesar de todo, aún sobreviviera el hombre, ya no sería como ser histórico, sino como un deplorable residuo: naturaleza contaminada en una naturaleza contaminada.”<sup>106</sup>

O desenrolar de uma possível guerra atômica resultaria não só no fim da humanidade e do nosso tempo, mas também significaria no fim da História. A nossa discussão anterior, sobre a capacidade de tudo deixar de existir se comprovaria empiricamente, e por mais que a hipótese ínfima de que alguém, em um bunker, pudesse sobreviver a essa ameaça, esse indivíduo já estaria além da História, porque estaria num tempo outro, numa contemporaneidade a-histórica, uma vez que o nosso tempo teria sido aniquilado.

Por fim, podemos perceber que a realidade da ameaça nuclear é inescapável, seja para os bilionários excêntricos do nosso tempo, seja para as pequenas sociedades de uma pequena ilha no meio do oceano. Todos são afetados indiscriminadamente. E não são só os seres humanos são afetados, mas também todos os outros organismos, produtos, instituições, pensamentos e sentimentos que correm o risco de sumir junto de nós se apenas alguns poucos homens decidirem, dentro de uma sala qualquer, ampla ou oval, apertar alguns botões e pôr fim a mais de quatro bilhões e meio de anos de evolução.

Esses dispositivos são compostos de passado e de futuro, porque, ao mesmo tempo, contém um material que vagou entre as estrelas por um tempo indeterminado, e aqui foi transformado em uma arma capaz de uma destruição inimaginável, que pode acabar até mesmo com um planeta. Assim sendo, não podem se enquadrar como ‘modernos’, porque rompem completamente com o

---

<sup>106</sup> ANDERS, 2011, p.224.

progresso, e também não podem ser definidos como contemporâneos porque nunca estão em sincronia com qualquer outro tempo. Eles prefiguram uma realidade própria, um tempo próprio, que age no interior das nossas realidades e dos nossos tempos, mas que não podemos acessar. São eles os responsáveis por destruir pedra por pedra de um castelo construído por gerações infinitas que agora se encontra apenas em ruínas, abandonado no meio de um deserto, e que não pode mais dizer: “para sempre”.

#### 4. Considerações Finais.

Para concluir, gostaria de recuperar a epígrafe dessa dissertação. Uma frase de Alexis de Tocqueville (1805-1859) retirada do segundo capítulo do *Futuro Passado*, de Reinhart Koselleck, que diz: “Desde que o passado deixou de lançar luz sobre o futuro, o espírito humano erra nas trevas.”<sup>107</sup> Tocqueville cunhou essa expressão no momento em que falava sobre como a revolução rompia bruscamente suas relações com o passado, e como isso influenciava negativamente no desenvolvimento do “espírito humano”. Apesar de estar lidando com as ideias de democracia nos Estados Unidos no século XIX, essas palavras de Tocqueville podem nos ajudar a compreender os problemas que discutimos nesse trabalho.

Essa dissertação foi uma tentativa pretensiosa de mostrar como o impacto da bomba nuclear provocou alterações substanciais na forma de se pensar o tempo e a História depois de 1945. Para isso, se tornou incontornável fazer uma reconstrução sobre como o desenvolvimento do ideal de progresso e a tecnificação do mundo na busca incessante por uma Modernidade nos levou a produzir uma catástrofe de proporções nunca antes vistas, a partir do momento em que essas ideias adentraram no campo da produção de armas e dispositivos de destruição.

O conceito de Modernidade, por sua vez, também não conseguiu dar conta dessa realidade que se apresentava, e acabou atomizado junto das categorias de espaço de experiência e horizonte de expectativa que utilizávamos para compreender o tempo-histórico. Um fenômeno como esse, coloca em xeque o próprio estatuto da existência dessa Modernidade, que até àquela altura era a forma mais tradicional de definirmos o nosso tempo. Nesse sentido, a ameaça atômica concebeu a criação de um espaço novo, de indefinição temporal.

Diante disso, Günther Anders com a ideia de uma “Era Atômica” contribuiu como fator fundamental para que pudéssemos esboçar o início de uma compreensão do período através tanto do sintoma da ameaça, quanto do processo de obsolescência. Este último demandaria ainda uma discussão que não cabe no espaço desse trabalho, mas que um olhar inicial já permitiu que percebêssemos como nesse novo tempo nos encontramos sempre em atraso na relação com os outros objetos. Acerca da afirmação de Anders de que “uma nova era começou” após os eventos

---

<sup>107</sup> TOCQUEVILLE, Alexis. Apud KOSELLECK, Reinhart. op. cit. 2006. p.47.

de 1945, podemos concluir também que historicamente ela se mostrou comprovada. Se trata de fato de um ponto em que não há retorno, e que por sua vez também as perspectivas de futuro são reduzidas por meio da ameaça nuclear. Assim sendo, a expressão de Tocqueville pode ser reafirmada, uma vez que o passado, como espaço de experiência, deixou de servir como fonte de orientação, provocando essas perturbações que tentamos discutir ao longo desse texto.

Essa dissertação esbarra ainda no fato de que poucos são os trabalhos de Anders traduzidos para o português, o que resultou na necessidade de ser fazer um esforço para acessar essas obras. O alemão tem retornado à cena entre os historiadores somente nos últimos anos, devido à atualidade dos seus escritos, na medida que as discussões sobre uma crise planetária oriunda da influência dos seres humanos no estado do planeta começaram a ganhar espaço nos círculos intelectuais. Nesse sentido, esse trabalho também é uma tentativa de trabalhar com um pouco mais de profundidade os conceitos e as ideias de um intelectual que tem se mostrado bastante importante para os debates historiográficos mais recentes.

Para terminar, cabe dizer ainda que essa ameaça de “fim do tempo” nesse “tempo do fim”, usando os temas do próprio Anders, perdurou sozinha somente até 1989, quando se iniciaram as discussões sobre a emergência climática, que se mostra tão perigosa quanto os dispositivos atômicos. Essas inquietações que busquei desenvolver nesse trabalho partem da sensação de que esses problemas, ainda que coloquem todo o nosso futuro em jogo, não só como historiadores, mas também como seres humanos, são uma preocupação que não se reflete plenamente nos quadros departamentais e na disciplina histórica que produzimos hoje.

## Referências Bibliográficas

- AGAMBEN, G., **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Ed. Argos, 2009.
- ANDERS, Günther. **El Piloto de Hiroshima**. Mas allá de los límites de la conciencia. Trad. Vicente Gómez Ibáñez. Barcelona e México: Paidós, 2003.
- ANDERS, Günther. **Le temps de la fin**. Paris: L'Herne, 2007.
- ANDERS, Günther. **La obsolescencia del hombre**. Sobre el alma en la época de la segunda revolución industrial. (vol. I). Tradução de Josep Monter Pérez. Valencia: Pre-Textos, 2011.
- ANDERS, Günther. “Teses para a era atômica”. Tradução de Alexandre Nodari e Déborah Danowski. In: **Sopro**, 87 [online]. Ed. Cultura e Barbárie. abril 2013. Disponível em: < <http://culturaebarbarie.org/sopro/outros/anders.html> > Acesso em: 24 de maio de 2023.
- ARENDT, Hannah. **Crises da República**. São Paulo: Perspectiva, 1999. (2ª ed.). 201p.
- ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo: Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012
- ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2016. (8ª ed.). 340p.
- CHURCHILL, Winston. “We shall fight on the beaches”. In: **Hansard**, Londres: UK Parliament, 4 de junho de 1940. serie 5, v. 36, p. 795. Disponível em <<https://www.parliament.uk/about/living-heritage/transformingsociety/private-lives/yourcountry/collections/churchillexhibition/churchill-the-orator/fight-on-the-beaches/>> Acesso em 30 de julho de 2023.
- EINSTEIN, A. “Carta de Albert Einstein para o presidente Franklin D. Roosevelt.” 2 de agosto de 1939. Disponível em <<https://www.fdrlibrary.org/documents/356632/390886/document007.pdf/3483329d-7b68-442d-953d-eb91e0c5c9b1>> Acesso em 1 de agosto de 2023.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.
- FREUD, Sigmund. **Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1919)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Modernização dos sentidos**. São Paulo: Ed. 34, 1998. 319p.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. (Coleção História & Historiografia)

HOBBSBAWM, E. J. **Era dos extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. (2ª edição). 598p.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Contraponto, 2006. 366p.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014. 351p.

KOSELLECK, Reinhart. **Histórias de conceitos**. Estudos sobre a semântica e a pragmática da linguagem política e social. Tradução: Markus Hediger. Rio de Janeiro, Contraponto, 2020.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

MUDROVIC, Maria Inés. “The politics of time, the politics of history: who are my contemporaries?”, *Rethinking History*. 23:4, (online).

SHELLEY, P. B. “Ozymandias” In: **Ode ao vento oeste e outros poemas**. Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Ed. Hedra, 2009. p. 41.